Opinião Socialista

PSTU

Ano XII - Edição 364 - Colaboração: R$ 2 - De 11/12/2008 a 27/01/2009 - www.pstu.org.br

Especial - Perspectivas

2009

QUE OS RICOS PAGUEM A CONTA

Opinião Socialista em 2008

EDIÇÃO Nº 326
De 31/01 a 13/02

Na primeira edição do ano, o Opinião já estampava em sua capa que a crise econômica estava iniciando. Além disso, apontava o início da recessão nos EUA. No total o Opinião dedicará cinco capas a crise da economia ao longo de 2008

EDIÇÃO Nº 327
De 14/02 a 20/02

EDIÇÃO Nº 328
De 21/02 a 27/02

EDIÇÃO Nº 329
De 28/02 a 05/03

EDIÇÃO Nº 330
De 06/03 a 12/03

EDIÇÃO Nº 331
De 13/03 a 26/03

Jornal denuncia as provocações do governo de Álvaro Uribe, fantoche do imperialismo ianque, contra o Equador.

EDIÇÃO Nº 332
De 26/03 a 02/04

EDIÇÃO Nº 333
De 03/04 a 9/04

Novamente o jornal volta com uma capa sobre a crise econômica. Desta vez, a edição denuncia a farsa da blindagem do Brasil diante da crise.

EDIÇÃO Nº 334
De 10/04 a 16/04

Em meio a inflação dos alimentos, o Opinião mostra que suas causas estão ligadas a especulação financeira e ao agronegócio. O jornal propõe o congelamento dos preços dos alimentos em todo o país.

EDIÇÃO Nº 335
De 17/04 a 24/04

EDIÇÃO Nº 336
De 01/05 a 07/05

A inflação dos alimentos causou revolta em vários países mundo afora. O Opinião mostrou como foi a rebelião dos famintos no Haiti e, mais uma vez, denunciou o vergonhoso papel das tropas brasileiras na repressão contra os haitianos.

EDIÇÃO Nº 337
De 08/05 a 14/05

EDIÇÃO Nº 338
De 15/05 a 21/05

EDIÇÃO Nº 339
De 22/06 a 04/06

Aumento brutal do ritmo de trabalho, doenças e exploração. Tudo para que os lucros dos patrões aumentassem. Essa é a realidade dos trabalhadores brasileiros que o Opinião trouxe em sua capa.

EDIÇÃO Nº 340
De 05/06 a 11/06

EDIÇÃO Nº 341
De 12/06 a 18/06

EDIÇÃO Nº 342
De 19/06 a 25/06

EDIÇÃO Nº 343
De 26/06 a 02/07

Edição dedica a luta dos trabalhadores da GM de São José dos campos que derrotaram o Banco de Horas e a proposta feita pelos patrões de reduzir direitos.

EDIÇÃO Nº 344
De 03/07 a 09/07

EDIÇÃO Nº 345
De 10/07 a 23/07

Edição dedicada ao I Congresso da Conlutas. O Opinião cobriu diretamente o evento, assim como o Portal do PSTU que publicou notícias do congresso em tempo real.

EDIÇÃO Nº 346
De 24/07 a 30/07

EDIÇÃO Nº 347
De 31/07 a 06/08

EDIÇÃO Nº 348
De 07/08 a 13/08

EDIÇÃO Nº 349
De 14/08 a 20/08

EDIÇÃO Nº 350
De 21/08 a 27/08

EDIÇÃO Nº 351
De 27/08 a 03/09

PSTU lança candidatos socialistas e revolucionários para as eleições municipais. Nesta edição o Opinião mostra a importância de se votar em candidatos do partido.

EDIÇÃO Nº 352
De 04/09 a 10/09

EDIÇÃO Nº 353
De 11/09 a 17/09

EDIÇÃO Nº 354
De 18/09 a 24/09

Jornal denuncia a ultra direita boliviana, que ocupou prédios públicos, perseguiu dirigentes sindicais e assassino camponeses. A edição chama a solidariedade ao povo boliviano e a punição dos crimes da ultra direita.

EDIÇÃO Nº 355
De 25/09 a 01/10

Mas uma vez o Opinião alerta sobre a crise econômica. Dessa vez, em meio a falência dos bancos dos EUA.

EDIÇÃO Nº 356
De 02/10 a 08/10

EDIÇÃO Nº 357
De 09/10 a 15/10

EDIÇÃO Nº 358
De 23/10 a 29/10

Uma edição totalmente dedicada a análise sobre as causas e conseqüências da crise econômica.

EDIÇÃO Nº 359
De 06/11 a 12/11

EDIÇÃO Nº 360
De 13/11 a 19/11

Jornal publica artigos analisando a vitória de Obama, o primeiro presidente negro dos EUA. Na contramão das expectativas e ilusões, o jornal alerta que Obama será apenas um novo rosto pra velha dominação.

EDIÇÃO Nº 361
De 20/11 a 26/11

EDIÇÃO Nº 362
De 27/11 a 02/12

EDIÇÃO Nº 363
De 04/12 a 10/12

EDIÇÃO Nº 364
De 11/12/08 a 27/01/09

MARX E A QUEDA DO MURO DO CAPITAL

Por quase duas décadas, uma grande campanha varreu o mundo. Uma frase simples – "o socialismo morreu" – repetida aos quatro ventos, parecia soar como verdade, ainda mais acompanhada das imagens da população comemorando a queda das burocracias.

Articulistas não mediram esforços para louvar as vantagens do capitalismo e o futuro exuberante. Alguns, como Francis Fukuyama, não conseguiram conter a euforia. Tal qual um trovador da Idade Média, que cantava as batalhas em versos, Fukuyama pregou o fim da história e vislumbrou uma nova ordem mundial.

A crise econômica aberta em 2008 calou fundo. A crise na economia veio expor a face do sistema. Junto com milhões de empregos e casas, a farsa veio abaixo.

PROCURA-SE

Os livros do alemão Karl Marx são procurados nas livrarias, tanto por trabalhadores quanto por executivos ávidos por entender o que ocorre no mundo.

Marx é o principal crítico do capitalismo. Dedicou-se a demonstrar como o sistema é voltado ao lucro e a acumulação de capital. Como a burguesia, dona dos meios de produção, explora o proletariado, dono apenas da força de trabalho. O dono da fábrica sabe que paga menos do que o valor do que um operário irá produzir.

Além da exploração, Marx enxergou as contradições do sistema. Demonstrou que a lógica do lucro que move o capitalismo também acelera sua crise. Como na concorrência entre capitalistas, que exige de cada o aumento constante da taxa de lucros, a disputa e os monopólios. Ou na forma como a produção é organizada, com muitos trabalhadores e o lucro em poucas mãos. Marx afirmava que o capitalismo, em sua vitória, trazia os germes de derrota.

Em seu lugar, Marx defendeu uma sociedade sem exploração, com o fim da propriedade privada. Uma sociedade socialista, onde a produção estivesse voltada para todos e não para o lucro de uma classe.

BARBÁRIE

Quando Marx publicou "O Capital" em 1867, o capitalismo vivia um período de auge, de progresso. A situação é outra. A crise pode virar uma depressão, a exemplo de 1929. Mas o cenário já é de destruição.

Como modo de produção, o capitalismo é a forma atual como a humanidade se relaciona com a natureza, como a transforma. Não é o primeiro a existir. Assim como o feudalismo, que o antecedeu, é parte de um período histórico.

Hoje, o capitalismo nada mais tem a oferecer a humanidade. Uma rápida olhada pelo planeta dá a dimensão do que ele trouxe. Em 2004, uma criança a cada 5 segundos morria de fome. Esse índice pode ter se intensificado, por conta da crise alimentar. A especulação com os alimentos fez com que 925 milhões passassem fome em 2007, contra 850 milhões no ano anterior. Isso antes de 2008, quando os preços dos alimentos subiram drasticamente e despertaram revoltas pelo mundo, inclusive na África, onde a fome, a Aids, as guerras e doenças seculares exterminam a população negra.

O planeta também paga o preço da corrida pelo lucro. Os Estados Unidos continuam lançando gases poluentes, provocando o aquecimento global. A China segue queimando carvão, para garantir a energia às empresas estrangeiras que agem no país. Na floresta amazônica, uma área do tamanho da cidade de São Paulo é derrubada por mês.

Nenhum governante discorda dos cientistas. Mas, conferência após conferência, são incapazes de aprovar um recuo significativo na destruição da natureza.

A tecnologia não é colocada a serviço da humanidade. A cada descoberta, mais trabalhadores ficam sem emprego. Caíram por terra as previsões de um mundo novo, no qual a entrada de máquinas e computadores no trabalho viria acompanhada de mais tempo livre.

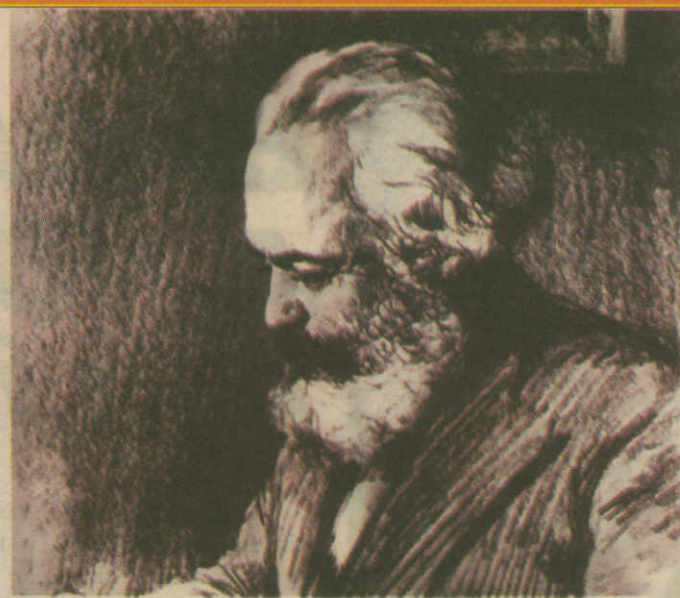
Para aquecer a economia e amenizar suas crises, o imperialismo recorre ainda a guerras, como no Iraque. A indústria de armas e petroleiras precisam lucrar, ainda que custe centenas de milhares de vidas.

Com a crise, tudo será agravado brutalmente. Vamos ver milhões a mais de desempregados, mais fome e violência. A barbárie estará presente em cada esquina do mundo.

UTOPIA CAPITALISTA REACIONÁRIA

O capitalismo está longe de conseguir garantir o essencial: comida e água. A situação é tão crítica que nenhuma meta dos organismos internacionais é levada a sério. Em 2006, enquanto o número de famintos no mundo era de 850 milhões, a ONU fez um pacto para reduzir a fome pela metade, até 2015. No ano seguinte, o diretor-geral Jacques Diouf admitiu que a meta precisaria ser ampliada em... 135 anos.

Medidas assim custariam menos do que a ajuda dos governos dos EUA e da Europa aos bancos e montadoras, de 8 trilhões de dólares. Apenas 1,2 trilhão seria suficiente para acabar com a fome e a miséria no mundo e garantir água.

Diante da crise, governantes apostam em uma maior regulação do mercado e um novo Bretton Woods, o acordo do pós-guerra. Intelectuais da esquerda reformista propõem saídas semelhantes.

Nenhuma destas soluções irá alterar o rumo da economia. Nenhum acordo é capaz de fazer com que a burguesia deixe de produzir visando lucros maiores. Nenhum acordo impedirá o imperialismo de explorar e oprimir os países dominados.

Nada mais utópico do que acreditar que a burguesia aceite reformar o capitalismo. A exploração está na raiz do sistema. Não é possível pedir aos patrões que deixem de explorar os trabalhadores.

O SOCIALISMO É A ÚNICA ALTERNATIVA REALISTA

O capitalismo, hoje, leva a humanidade para a barbárie. A crise coloca a necessidade de superá-lo, assim como a humanidade já superou outros modos de produção. O socialismo, longe de ser uma utopia, é a única alternativa possível para a humanidade.

O capitalismo não cairá apenas por suas crises, por mais profundas que sejam. Não irá desmoronar sozinho. Ou o proletariado aproveita a seu favor as crises que inevitavelmente ocorrerão, ou surgirá uma nova recuperação do capitalismo. A burguesia, longe de abrir mão do poder econômico, buscará formas de aumentar a exploração e, assim, escapar de mais esta crise.

O socialismo revolucionário se distingue claramente tanto de suas versões stalinistas como social-democratas. O stalinismo não tem nada a ver com o socialismo, pois é a expressão de uma burocracia totalitária que oprime os trabalhadores para poder controlar o aparelho de Estado a serviço de seus interesses materiais. Os sete primeiros anos da revolução russa, antes da burocratização stalinista, quando prevaleceu a democracia dos sovietes, continuam a ser a maior expressão do proletariado no poder. Os trabalhadores discutiam e decidiam todas as questões mais importantes, do plano econômico a ser aplicado até definições sobre a paz.

O socialismo revolucionário também se diferencia do nacionalismo burguês do chavismo e dos governos social-democratas europeus. Esses mantêm a dominação capitalista das multinacionais, a mesma exploração aos trabalhadores.

A história, provavelmente, será dividida entre antes e depois desta crise. Ainda não se conhece sua extensão, nem o seu desfecho. Mas as primeiras lições estão surgindo. A de que o capitalismo conduzirá a humanidade para a barbárie. E a de que o espectro da revolução socialista ronda nossos dias.

Aos leitores

Esse é um jornal especial, a começar pelas capas e diagramação. É também o último de 2008, o ano em que a crise começou. Dedicamos mais páginas a esta edição, para as difíceis tarefas de traçar um balanço do ano e apontar uma parte do que nos aguarda no novo ano.

O Opinião Socialista interrompe suas publicações neste fim de ano, para retornarmos na segunda quinzena de janeiro. Até lá, acompanhe a cobertura da crise econômica em nosso portal. Desejamos a todos os leitores um 2009 de muitas lutas e alegrias.

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000 - Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

BARACK OBAMA E A NOVA SITUAÇÃO POLÍTICA DOS EUA

DA REDAÇÃO

Os oito anos da era Bush terminaram da pior maneira possível para o imperialismo. Quando chegou a Casa Branca, Bush e seus assessores pensaram em fazer do século 21 o "século americano". Bush tinha como missão recuperar o já desprestigiado neoliberalismo, profundamente questionado em todo o mundo. No começo deste século, o movimento antiglobalização sacudia a Europa e os EUA. Posteriormente, este movimento foi capaz de organizar uma mobilização internacional contra a guerra do Iraque. Na América Latina, levantes e revoluções derrubaram governos que por anos aplicaram o neoliberalismo. Bush precisava responder aos levantes do movimento de massas e retornar à situação reacionária da década de 1990.

Os atentados de 11 de setembro de 2001 forneceram a desculpa ideal para o imperialismo implementar uma política agressiva de invasão militar. Sob a "doutrina de combate ao terrorismo", Bush promoveu as invasões contra o Afeganistão e o Iraque, causando um rastro de mortes e destruição. Mas o imperialismo não contava com a resistência do povo iraquiano, que derrotou os planos de rapina do petróleo do país e encurralou as tropas invasoras.

O governo Bush termina totalmente desprestigiado. Sua imagem é odiada em todo o mudo. Sua política causou uma ampla consciência antiimperialista. Seu legado provocou uma situação é crítica para o imperialismo que dificilmente será resolvida a curto prazo.

Para piorar, o último ano da administração Bush ainda viu a quebra do sistema financeiro dos Estados Unidos e o início de uma recessão econômica comparável apenas a Grande Depressão de 1929.

UM NOVO ROSTO PARA UMA NOVA SITUAÇÃO

A eleição de Barack Obama marca o início de uma nova situação política nos EUA. O primeiro presidente negro de um país cuja história é inegavelmente racista desperta ilusões e esperanças. Na campanha eleitoral norte-americana, Obama falou da "mudança", e ainda conseguiu imprimir no imaginário da população que era o oposto da política seguida por Bush.

Mas Obama é o novo rosto para a velha dominação. O democrata venceu as eleições com o apoio econômico, sobretudo, de boa parte do sistema financeiro de Wall Street (deles Obama recebeu mais contribuições que John McCain). É óbvio que esses setores vão fazer valer seus interesses durante a nova gestão norte-americana.

Obama sabe que o capitalismo norte-americano enfrenta uma perigosa crise social. Os EUA contam já com mais de dez milhões de desempregados. A pobreza já atinge 23% da população, maior índice de todos os países industrializados. A média de dívidas dos EUA é de 139% da sua renda e muitos trabalhadores terão salários-rebaixados.

Para agravar mais a situação, não existe no país seguro de saúde universal, nem cuidados infantis gratuitos para pais que trabalham e, cinqüenta milhões não têm acesso à Previdência. Cinco milhões de famílias vão perder suas casas a qualquer momento devido à crise das hipotecas. Outros milhões perderão suas aposentadorias.

Enquanto, Obama faz discursos sobre sua intenção de diminuir os impostos dos mais pobres, defende, ao mesmo tempo, o despejo de trilhões de dólares do dinheiro público para salvar os banqueiros em quebra - dinheiro que será cortado das verbas sociais. Recentemente, o novo presidente defendeu a bilionária ajuda as montadoras que estão à beira da falência. O caso da indústria automobilística é dramático. O fechamento das montadoras pode significar o desaparecimento de três milhões de postos de trabalho. Obama defende um plano para ajudar as montadoras, mas isso poderá significar precarização e o fim de direitos dos trabalhadores do país para baratear o custo da produção de automóveis. Diversos analistas dos EUA responsabilizam os altos salários e os direitos dos operários norte-americanos como culpados pela crise das montadoras.

> **OBAMA FOI a escolha da burguesia ianque para enfrentar a difícil tormenta provocada pela crise na economia**

AS "MUDANÇAS" DE OBAMA

Muitos esperavam que Obama demonstrasse mudanças concretas na nomeação de sua futura equipe de governo. Especialmente na área econômica, onde alguns tinham esperança de que ele pusesse em marcha um New Deal ou a instauração de uma era de regulação da economia, como opção ao modelo neoliberal.

No entanto, tudo indica que Obama vai manter a essência do mesmo modelo econômico. Uma prova disso foi a escolha dos mais conservadores conselheiros democratas para formar seu governo. Os mesmos que organizaram a desregulamentação financeira e colocaram em marcha o neoliberalismo durante a presidência de Bill Clinton.

Para secretário do Tesouro, Obama indicou Timothy Geithner, presidente do Federal Reserve de Nova York. Timothy é um dos principais criadores das medidas para enfrentar a crise, sobretudo com o plano de resgate dos bancos.

Outra personalidade nomeada por Obama é Lawrence Summers, novo diretor do Conselho Econômico Nacional da Casa Branca. Nos anos 1990, Summers foi economista chefe do Banco Mundial. Ficou conhecido por defender que o lixo tóxico do planeta fosse destinado à África. Na época escreveu que lixo teria um impacto *"maior num país onde a população vive muitos anos do que em num país onde a mortalidade infantil é de 200 por mil"*.

Na sua biografia, no site da universidade de Harvard, na qual foi reitor, afirma que Summers *"dirigiu o esforço colocando em marcha a mais importante desregulamentação financeira destes últimos 60 anos"*.

IMPERIALISMO

É lógico que a figura de Obama é muito mais simpática do que Bush. Uma oportunidade para os EUA recuperar sua liderança na ordem imperialista.

Mas isso não significa que o país deixará de ser a principal potência capitalista responsável pela exploração dos povos de todo o mundo. A burguesia ianque simplesmente adotou uma nova forma para conter saltos nas lutas em todo mundo.

Se é verdade que Obama fez oposição à guerra do Iraque durante as eleições, também é verdade que ele fala em retirada das tropas daquele país apenas em maio de 2010. Até lá terá tempo para alguma outra manobra para ficar mais tempo. Mas o presidente não vai devolver os soldados a seus lares. Vai jogá-los em outra guerra no Afeganistão, considerada justa por Obama.

Também não vai mudar a atitude do imperialismo diante da ocupação israelense aos territórios palestinos. Para manter o velho domínio imperialista, o candidato da "mudança" nomeou Hillary Clinton como Secretária de Estado (cargo semelhante ao de Relações Exteriores). Além de ter votado a favor a invasão ao Iraque, a exsenadora tem fortes ligações com o lobby sionista nos EUA.

LUTAS NO HORIZONTE

O próximo ano será bem diferente para a população norte-americana. O proletariado dos EUA pode reagir aos ataques e colocar as luta sociais no país num patamar superior.

Num contexto de acirramento social, Obama oferece a burguesia imperialista uma excelente oportunidade. Afinal, um presidente negro, pode ser apresentado aos povos oprimidos como alguém que entende o sofrimento e o preconceito. Que está ao lado da maioria e dos explorados.

Tampouco o racismo e marginalidade do povo negro nos EUA irão acabar. A população negra do país é oficialmente de 13%. Mas, os negros são quase a metade da população carcerária do país. Há mais negros nos presídios do que nas universidades norte-americanas e esse quadro não vai mudar.

Obama foi a escolha da burguesia ianque para enfrentar a difícil tormenta provocada pela crise. Uma opção que poderá causar confusão e atrair simpatia de milhões para adormecer qualquer reação.

EUROPA: TRABALHADORES RESPONDEM À CRISE COM MOBILIZAÇÕES

GREVES, PARALISAÇÕES E PROTESTOS marcaram o segundo semestre deste ano

Franceses vão às ruas contra a reforma na educação

Manifestantes gregos são reprimidos pela política na paralisação contra a reforma da Seguridade Social

JOSÉ MORENO, da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI)

Durante o mês de novembro deram-se importantes mobilizações de trabalhadores e estudantes em vários países europeus. Os governos da Europa, independentemente de sua coloração política, e a burguesia querem despejar o peso da crise sobre os trabalhadores. Todos os governos transferiram bilhões de euros aos bancos para garantir seus benefícios.

As multinacionais, principalmente do setor automotivo, iniciaram processos de regulação de emprego: desde férias remuneradas, não renovação de empregos precários até anúncios de demissões. As empresas auxiliares começaram diretamente a fechar ou a realizar demissões em massa. A construção civil na Espanha está paralisando e milhares de trabalhadores, principalmente imigrantes, estão no olho da rua.

Diante desta realidade, os trabalhadores e a juventude começaram a dar sua resposta. Na Itália, trabalhadores da educação e estudantes saíram às ruas de forma em massa contra o governo de Berlusconi e seus planos de privatização e demissão de mais de 70 mil professores. O dia 30 de outubro foi uma jornada histórica de mobilização na escola e em universidades italianas: assembléias em massa, ocupação de escolas e faculdades se estenderam por todo o país.

No dia 13 de novembro foram realizadas greves e manifestações em diversas cidades espanholas. Estudantes e trabalhadores do setor público somavam-se assim às mobilizações dos dias anteriores dos operários metalúrgicos da Galícia e dos trabalhadores da montadora Nissan e as empresas auxiliares do setor automotivo na Catalunha. Novas mobilizações em dezembro, incluindo uma contra a monarquia no dia 6, deixam um final de ano vermelho no Estado Espanhol.

Em Portugal, os professores seguem na vanguarda com mobilizações. Mais de 100 mil saíram às ruas de Lisboa no dia 8 de novembro. Nos meses anteriores, além das mobilizações de professores, ocorreram greves importantes no setor de servidores públicos, trabalhadores do aeroporto de Lisboa e os transportadores.

Na Grécia uma nova Greve Geral paralisou o país, a segunda deste ano, contra a reforma da seguridade.

No dia 20 de Novembro, na França, duzentos mil manifestantes saíram contra reforma educativa que pretende demitir 85 mil professores. Os trabalhadores da companhia aérea Air France também realizaram greves, bem como nos Correios e hospitais e nos meios de comunicação estatais.

POR UMA RESPOSTA UNIFICADA

O ascenso do movimento de massas começa a surgir em grande parte do continente europeu de forma simultânea.

Enquanto isto, a resposta da burocracia sindical está sendo bastante insuficiente às necessidades dos trabalhadores que pagam caro pela brutalidade dos ataques dos governos e empresas.

As convocações tentam debilitar e não unificar as mobilizações. Assim a burocracia convoca um protesto no mesmo dia em diversos lugares para não confluir numa grande mobilização. No caso das montadoras isto é dramático, enquanto os trabalhadores da Nissan em Barcelona saem às ruas aos milhares contra as demissões, não há nenhuma convocação que unifique todos os trabalhadores afetados das empresas auxiliares.

Quando há a oportunidade de unir todos os setores, como podia ter sido a resposta à diretiva européia cujo objetivo é aumentar para 65 horas de trabalho a jornada semanal, a convocação da Confederação Européia de Sindicatos (CES - que agrupa os principais sindicatos) se resume a uma greve de cinco a 15 minutos. Posteriormente, não se realiza nenhuma publicidade ou divulgação desta convocação.

No entanto, a base dos trabalhadores continua desenvolvendo uma resposta muito forte a crise. Muitas destas greves e mobilizações foram impostas pelas bases. Em outras os trabalhadores tomaram a iniciativa e começaram a se auto-organizar, como é caso, por exemplo, dos professores em Portugal que pela primeira vez convocaram uma mobilização com mais de 15 mil pessoas por fora do sindicato oficial.

Ou ainda, o exemplo dos trabalhadores da Previdência em Madri, na Espanha, que se organizaram numa Coordenação de Trabalhadores e convocaram milhares enfrentando a oposição da burocracia sindical. Foi também o caso dos sindicatos alternativos na Itália, que foram capazes de convocar conjuntamente uma jornada de greve e mobilização no dia 17 de outubro.

Está se afirmando, portanto, uma tendência das bases sindicais encontrarem resposta à crise por fora dos aparelhos tradicionais. Dessa forma, os trabalhadores realizam uma crescente mobilização na Europa quando a crise econômica está apenas começando a mostrar suas conseqüências.

Há grandes possibilidades de avanços nas lutas, mas, por outro lado, existem também enormes obstáculos para que os trabalhadores possam conseguir importantes triunfos.

Trabalhadores da educação e estudantes vão às ruas contra Berlusconi na Itália

AS DEMISSÕES ACABAM CONTANDO com o apoio das burocracias sindicais, que são as primeiras a pedir ajuda do Estado às empresas ao invés de defender os postos de trabalho

As burocracias sindicais, mesmo que radicalizem um pouco nos discursos e se vejam forçadas a convocar mobilizações, tratam de controlar o movimento levando para o terreno do acordo com a patronal e os governos. Assim, como em muitos conflitos onde se dá uma enorme resposta dos trabalhadores, os acordos obtidos estão muito abaixo das possibilidades da mobilização. E muitas vezes significam a aceitação de retrocessos. Assim foi com as primeiras mobilizações de professores em Portugal ou em lutas importantes como a dos trabalhadores dos ônibus municipais em Madri.

As regulamentações de emprego e as demissões acabam contando com o apoio das burocracias sindicais, que ademais são as primeiras a pedir ajuda do Estado às empresas, ao invés de defender todos os postos de trabalho. Por outro lado, a esta política de divisão que impõe a burocracia sindical, em muitas ocasiões se somam os sindicatos alternativos.

Os trabalhadores e a juventude da Europa vão ter que enfrentar os planos dos governos. A burguesia do continente deseja que os trabalhadores paguem pela crise com o velho argumento de que teremos que "apertar o cinto". Retomar as assembléias para tomar decisões, unificar a esquerda sindical e os novos organismos que vão surgindo será fundamental para as lutas e no enfrentamento das manobras da burocracia e os governos.

ACABARAM-SE AS VACAS GORDAS

O IMPACTO DA CRISE econômica na América do Sul

ALEJANDRO ITURBE,
da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI)

A crise econômica internacional já golpeia com muita força a América do Sul. Todos os dados mostram que as economias dos países que mais se beneficiaram no anterior período de crescimento, como Venezuela e Argentina, estão desacelerando. A realidade desmente de forma contundente dois mitos bastante difundidos desde que se manifestaram os primeiros sintomas da crise nos EUA.

O primeiro foi a "teoria do descolamento" segundo a qual o novo pólo industrial surgido na China, na Índia e em outros países asiáticos poderia compensar a queda das economias do EUA e Europa. Como a maioria dos países sul-americanos exportam de modo crescente para esse "pólo asiático", sofreriam muito menos do que os países imperialistas.

O segundo mito afirmava que, diferentemente das potências, os países sul-americanos tinham "feito os deveres de casa" e ajustado seus orçamentos para conseguir superávit fiscal, suas balanças de comércio exterior eram amplamente favoráveis e isso lhes permitia manter importantes reservas em dólares em seus bancos centrais. Portanto, tinham uma melhor blindagem para enfrentar a crise. É o que afirmava até há pouco tempo, por exemplo, a presidenta argentina Cristina Kirchner.

Mas a realidade não deixa margens para mitos. Se, por diversas razões, a crise econômica demorou um pouco a estender-se aos países sul-americanos, agora já está plenamente instalada neles e afetará fortemente as perspectivas para 2009 e os próximos anos.

QUEDA DOS PREÇOS DAS COMMODITIES

A economia mundial funciona como um todo que alguns autores chamaram de "economia-mundo". Atualmente, não existe margem para que um país (ou um grupo de países) funcione de modo autônomo, separado da dinâmica da economia-mundo. No caso da América do Sul, longos anos de privatizações das estatais e de desregulação das economias aprofundaram o domínio e o controle que exercem os países imperialistas sobre os colonizados.

Ao mesmo tempo, no marco da atual divisão internacional do trabalho, os países sul-americanos ocupam o papel de "provedores de matérias primas" (alimentos, minerais, combustíveis, etc.) aos países imperialistas e ao "pólo asiático". Por isso, suas economias são profundamente dependentes do mercado mundial e, especialmente, da dinâmica dos mercados internacionais de commodites e as mudanças de suas cotações.

Entre 2003 e 2007, o crescimento da economia mundial expressou-se num aumento permanente da demanda de matérias primas e numa alta ainda maior de seus preços no mercado mundial. As exportações em alta, tanto em seu volume como em seu valor total, impulsionaram um forte crescimento econômico na maioria dos países sul-americanos. Mas em nenhum país, nem sequer naqueles cujos governos têm uma retórica mais antiimperialista, se avançou em mudanças realmente estruturais que diminuíssem sua dependência do imperialismo.

No final de 2007 e começo de 2008 a crise econômica já tinha se iniciado no EUA e estendia-se a Europa. No entanto, o giro de capitais especulativos desde o setor imobiliário para os mercados de commodities gerou uma forte alta dos preços das matérias primas, especialmente dos alimentos (com uma média de 70%). Foi o que originou a chamada "crise dos alimentos" e as "revoltas dos famintos" em vários países do mundo, em março deste ano. Esta demanda especulativa (e o aumento de preços que produziu) ajudou a postergar o rendimento da crise nos países sul americanos.

> O pagamento da dívida externa, num contexto de crise econômica, vai representar fortes ataques aos trabalhadores, como o congelamento dos salários ou no corte de orçamento de serviços como a educação e a saúde.

Mas, uma vez superado este "momento especulativo", a lógica da recessão econômica mundial (queda da demanda) impôs-se e os preços das matérias primas começaram a baixar rapidamente.

Esta dinâmica do mercado mundial significa que as exportações dos países sul-americanos cairão tanto em volume como em valor total e, deste modo, paralisa-se a locomotiva que impulsionou seu crescimento nos últimos anos.

Conseqüência direta desta queda nas exportações será a desaceleração de importantes investimentos produtivos planejados pelas empresas imperialistas ou dos países mais importantes da região, como o Brasil. Por exemplo, a brasileira Braskem (principal empresa petroquímica latino-americana) anunciou que adiará o início da construção de duas plantas na Venezuela (que seriam operadas em conjunto com a estatal venezuelana Pequiven). O mesmo fez a siderúrgica Gerdau que freou o investimento de 500 milhões de dólares para ampliar a planta que possui em Pérez (Santa Fé, Argentina).

A DÍVIDA EXTERNA

Outro fator que vai a impactar negativamente na economia dos países sul-americanos é a dívida externa. Melhor dito, a dívida pública em geral já que, nos últimos anos, grande parte do novo endividamento dos países foi camuflada pelo aumento da "dívida interna".

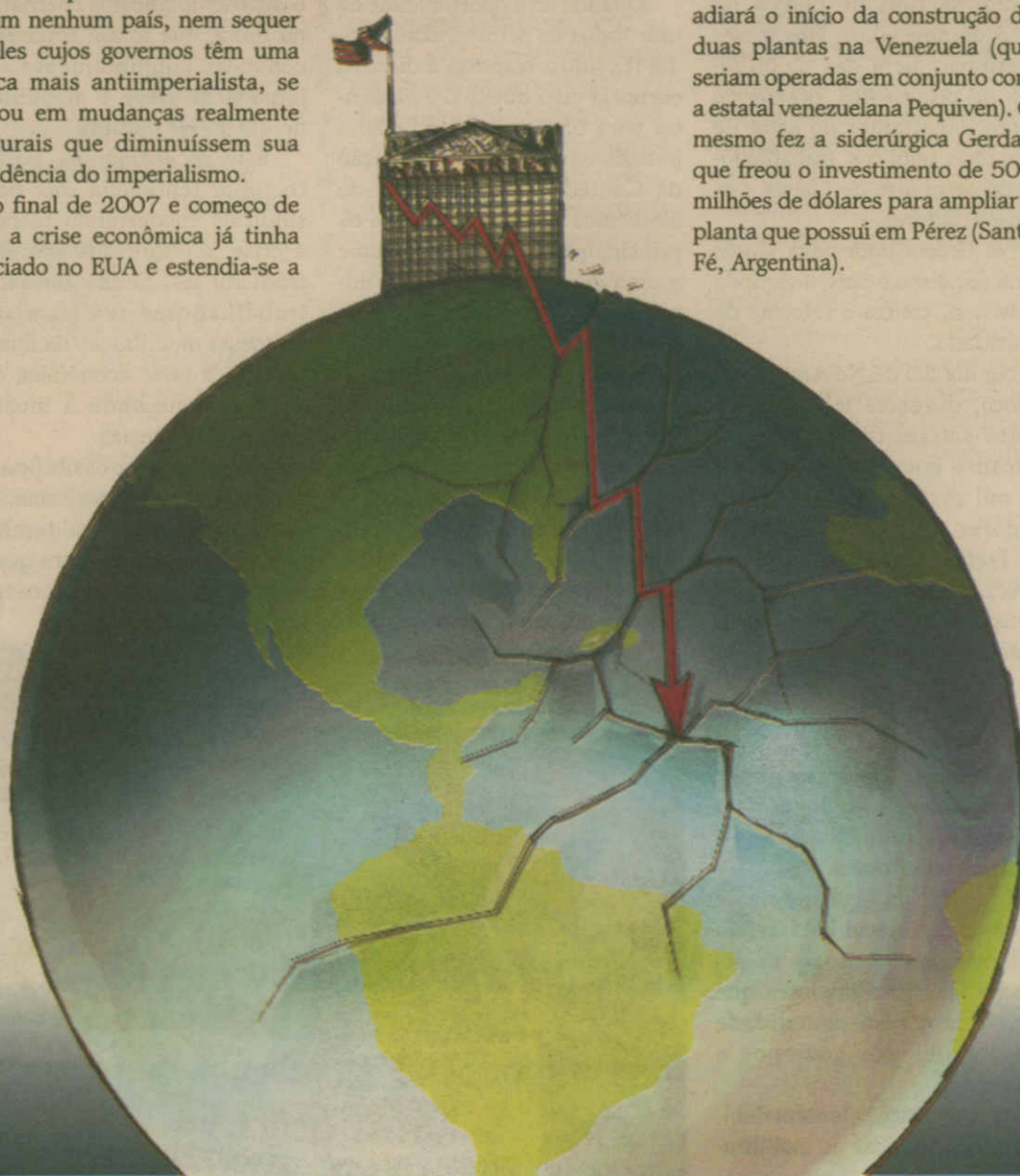
No período mais recente, após o refinanciamento compulsório e o pagamento de uma parte da dívida externa com os credores privados realizada pelo governo argentino de Nestor Kirchner, em 2005, este tema pareceu perder o caráter de eixo das questões político-econômicas que tinha tido nas últimas décadas.

A situação exportadora favorável e a boa situação das balanças comerciais permitiram que vários países (Argentina, Brasil ou Venezuela) pudessem não só pagar pontualmente como inclusive adiantar pagamentos.

Este período de "calma", porém, acabou. Por um lado, a partir de 2009, na maioria dos países acabou o "respiro" obtido nas últimas renegociações. Por exemplo, a Argentina deve pagar, nos próximos três anos, 47 bilhões de dólares. Em segundo lugar, já não existirão os folgados saldos das balanças comerciais, que serão reduzidos ainda mais à medida em que avance a crise.

Esta realidade já começa a se expressar na situação política. Por exemplo, na recusa do governo equatoriano em pagar uma dívida ao BNDES brasileiro, ou no conflito entre o governo argentino e a burguesia agrária.

O pagamento da dívida externa, mais ainda num contexto de crise econômica, vai representar fortes ataques à classe trabalhadora, como o congelamento dos salários dos trabalhadores públicos ou o corte de orçamento de serviços como a educação e a saúde. Isso numa situação onde muitos destes serviços já estão à beira do colapso.

Vejamos agora um pouco mais de perto a situação de três países do continente:

Cristina Kirchner cumprimenta George Bush em reunião do G20

ARGENTINA: DA ASCENSÃO À QUEDA?

Depois da forte crise vivida por sua economia entre 1999 e 2002 (com uma queda acumulada do PIB superior a 20%), graças à demanda e aos preços sustentados de alimentos e matérias primas, a Argentina foi um dos países sul-americanos que mais cresceu em 2003-2007. O país conseguiu taxas anuais de crescimento "quase chinesas" (entre o 7,5 e 9%). Inclusive, recuperou parte de seu parque industrial. No entanto, é a cada vez mais um país produtor de matérias primas, que representam 55% de suas exportações. Dentro delas, a soja e seus derivados contribuem o 25%.

Em 2008, começaram as más notícias. No momento de maior alta do preço dos alimentos, explodiu o conflito entre o governo e a burguesia agrária pelos impostos sobre as exportações agrícolas. A disputa expressou, essencialmente, sobre de onde sairiam os recursos para pagar os crescentes vencimentos da dívida externa.

Agora se soma a queda dos preços internacionais das matérias primas alimentícias: a soja baixou para perto de 600 dólares e pelo menos 400 outros cereais, como o trigo e o milho, caíram em proporção parecida. Também estão caindo os preços de outras exportações minoritárias, como o petróleo e os minerais. Ou seja, mesmo mantendo o volume físico das exportações, seu valor total cairá pelo menos 20% no próximo ano.

Em 2008, a economia já começou a desacelerar claramente, especialmente no último trimestre. O crescimento anual acumulado será de 5 ou 6%. Mas para 2009, prevê-se um crescimento de 2% ou até de 0%.

Cristina Kirchner tenta utilizar as reservas de 30 bilhões de dólares para tentar atenuar os efeitos da crise. Estatizou as AFJP, o sistema de aposentadoria privada, com fortes investimentos em ações e bônus do estado, para evitar uma futura quebra financeira. E vai lançar uma linha de crédito para compra de automóveis e eletrodomésticos, buscando assegurar um mínimo de atividade industrial.

Mas, por outro lado, quer garantir o pagamento da dívida externa já que o país, depois do pagamento compulsório de 2005, não tem acesso ao crédito internacional e, portanto, essas reservas são escassas. Por isso, se viu obrigada a tirar isenções impositivas às empresas privadas de transporte e serviços públicos, o que vai causar fortes altas nestes setores com grande impacto na economia popular.

Um dos grandes problemas da burguesia e do governo argentino é o que fazer com o tipo de mudança. A queda dos preços internacionais das matérias primas e a elevação da moeda brasileira empurram para uma forte desvalorização do peso argentino. Mas esta desvalorização significaria, ao mesmo tempo, um encarecimento do custo interno da dívida externa.

Por outro lado, além do aumento do custo de vida pela forte inflação dos anos passados, a classe operária argentina já começou a sofrer os custos da crise. Só na indústria metalmecânica, há cerca de 8.000 demissões e suspensões. Na GM de Rosario, há um conflito contra 400 demissões definidas pela empresa.

Cristina Kirchner, menos de um ano após ter assumido, sofreu um forte desgaste, tanto em suas relações com importantes setores burgueses como em seu prestígio popular, e está bastante debilitada para enfrentar a crise. A oposição burguesa, que se tinha unido no apoio à patronal agrária, também não apresenta uma clara alternativa. Também não existe uma alternativa política própria da classe trabalhadora.

VENEZUELA E BOLÍVIA: A CRISE DO MODELO BOLIVARIANO?

Os processos encabeçados por Hugo Chávez, na Venezuela, e por Evo Morales, na Bolívia, são seguidos com muita simpatia por numerosos lutadores e trabalhadores, que os vêem como uma alternativa possível a outros governos do continente. No entanto, o "modelo bolivariano", ao não romper com a estrutura capitalista de seus países nem com sua dependência ao imperialismo, mostra agora suas profundas limitações sob os golpes da crise.

A economia venezuelana gira ao redor do petróleo e seus derivados, que representam 30% do PIB e quase 80% das exportações (a maioria para os EUA). No resto, a Venezuela é dependente da importação de máquinas, alimentos e partes de produtos industriais de consumo. Chávez não só manteve basicamente este modelo como, em alguns aspectos, o aprofundou.

A partir de 2003, teve a seu favor a alta dos preços do petróleo, que chegou a se cotar em 130 dólares o barril. Isto fez que o país tivesse um período de crescimento econômico com as maiores taxas do continente e que o Estado venezuelano contasse com rendimentos de cerca de 30 bilhões de dólares anuais, o que permitiu ao governo financiar planos sociais, mas sem modificar a estrutura de fundo.

Hoje o preço do barril do petróleo caiu a 40 dólares. As estimativas para 2008 apontam para um crescimento de 6% e as previsões para 2009 indicam, no melhor dos casos uns 2%.

O prestígio de Chávez nas massas venezuelanas já vinha diminuindo, o que se expressou em sua derrota no referendo constitucional de dezembro de 2007. Recentemente, nas eleições regionais, apesar do governo obter uma maioria global a nível nacional, perdeu em estados importantes como Miranda, que inclui parte de Caracas, uma das regiões mais industrializadas do país. Agora deverá enfrentar o restante de mandato sem a mesma "bonança petroleira" de antes.

Nos últimos anos, a Bolívia teve, numa escala muito menor, uma dinâmica de crescimento parecida ao resto de América do Sul. Cresceu entre 4 e 5%, graças a suas exportações de gás nos mercados internacionais (cujo preço aumentou de 3 a 12 dólares o BTU). Inclusive, pôde aumentar suas exportações de estanho e prata (metais hoje secundários no mercado internacional) e avançar em projetos mais estratégicos com a concessão da exploração de ferro do Mutún à empresa índia Jindal Steel.

A renegociação dos contratos de exportação de gás para Argentina e o Brasil permitiu ao governo contar com rendimentos adicionais de 800 a 900 milhões de dólares anuais. Uma cifra muito importante para um país cujo PIB é de 10 bilhões, o que permitiu financiar alguns planos sociais. Atualmente o preço do botijão de gás caiu para 6 dólares. É muito provável que a crise faça diminuir o consumo e as exportações para Argentina e Brasil.

No plano político a situação é bem mais complexa porque está atravessada pelo confronto do governo de Evo Morales com a burguesia de ultra direita da Meia Lua (onde ficam as reservas de gás e petróleo). Por sua origem camponesa e indígena, Morales faz com que a maioria da população do país o veja como "seu governo".

Ou seja, o governo tem bases de apoio populares mais amplas. E se verá entre a crise econômica e sua capacidade para dar concessões. Em qualquer caso, é claro que Evo deverá enfrentar o próximo período num contexto econômico bem mais difícil.

AS PERSPECTIVAS

No marco da crise econômica internacional é evidente que acabou a época de "vacas gordas" para os governos latino-americanos. Os governos de frente popular, como o de Evo, os populistas de esquerda, como o de Chávez, ou os de características populistas, como o de Cristina Kirchner, que têm base e apoio popular, perdem assim a "base econômica" que lhes permitiu distribuir negócios entre os diferentes setores burgueses e, ao mesmo tempo, fazer concessões às massas.

Para enfrentar a crise, estes governos burgueses serão obrigados a atacar os trabalhadores e as massas e, desse modo, se acelerará a experiência com eles. Neste marco, é mais necessária que nunca a construção de uma alternativa revolucionária e socialista para enfrentar a crise e suas conseqüências.

Evo Morales e Hugo Chávez conversam durante encontro no Chile

2008: a crise chegou. O que virá em 2009?

EDUARDO ALMEIDA,
da Direção Nacional do PSTU

Chegamos ao final de 2008. Um ano marcado pela crise. Durante muitos anos se falará sobre "a crise de 2008". Trata-se de uma crise cíclica de superprodução, mas não de qualquer crise cíclica. Combinada com a quebra financeira, a crise já se transformou na pior desde 1929. A possibilidade de que a recessão em curso se transforme em uma depressão igual ou ainda pior que a de 1929 está colocada.

Isto é um acontecimento histórico que terá profundas conseqüências econômicas, sociais e políticas. A década de 90 foi o momento da restauração do capitalismo no Leste Europeu, simbolizada pela queda do muro de Berlim. 2008 foi quando o "muro" de Wall Street caiu.

RECESSÃO PODE SE TRANSFORMAR EM DEPRESSÃO

Já existe recessão em praticamente todos os países imperialistas. O Escritório Nacional de Pesquisa Econômica dos Estados Unidos reconheceu que a recessão no país começou no final de 2007. No terceiro trimestre de 2008, a queda do PIB foi de 0,5%, e a previsão é de uma redução maior no quarto trimestre, para 4 ou 5%. Já estão em recessão os EUA, a União Européia e o Japão.

Um dos fatores centrais que tornam a situação comparável a 1929 foi a brutal crise financeira, agravando fortemente a superprodução.

No período da "globalização" uma parte importante dos lucros das empresas não foi reaplicada na produção, mas deslocada para a especulação financeira. A característica parasitária, especulativa do capitalismo se ampliou fortemente.

HOJE A CRISE financeira empurra a recessão para se transformar numa depressão

Calcula-se que o PIB mundial esteja em torno de 50 trilhões de dólares. O montante investido na especulação (com ações, títulos, moedas etc.) chega a 167 trilhões, ou seja, mais de três vezes tudo o que se produz no mundo. Caso incluamos nesse montante os derivativos (a modalidade vedete da especulação), o bolo passa para 596 trilhões, quase 11 vezes o valor do PIB mundial.

A quebra financeira atual leva ao derretimento dessa montanha de capital fictício. E isso afeta todo o capital pela forte retração no crédito para a produção e para o consumo. Hoje a crise financeira empurra a recessão para se transformar em depressão.

A indústria automobilística e a construção civil nos EUA, dois setores de ponta do principal país imperialista, estão quebradas. A única forma de salvar as montadoras de automóveis é pela ajuda do Estado, com injeção de 34 bilhões de dólares.

Em novembro, foram cortados 533 mil empregos, a maior redução em 34 anos. Nos últimos três meses, 1,2 milhão de trabalhadores foram demitidos.

A dinâmica é dramática: é possível que o índice de desemprego nos EUA supere os índices "latino-americanos" de 15% a 20%. O plano de governo de Obama (completamente irreal) promete criar 2,5 milhões de empregos. Contudo, metade disso se perdeu em apenas três meses.

Como o capitalismo espera escapar da crise

Estamos apenas no início de uma crise que será prolongada. Mas já se observam alguns movimentos do capital para sair dela.

Tradicionalmente a burguesia ataca os salários e direitos dos trabalhadores para novamente voltar a elevar a taxa de lucros. Pode-se imaginar a dimensão do ataque que virá pela quantidade de dinheiro destinada às grandes empresas pelos governos imperialistas.

A soma, ainda parcial, já chega a 8 trilhões de dólares. Isso significa cerca de 1.300 dólares para cada um dos seis bilhões de habitantes do planeta. Ou ainda, cada habitante vai ter que pagar R$ 3,3 mil para os banqueiros, através da redução de salários, da piora nos serviços de saúde e educação. Cada família de cinco pessoas vai pagar R$ 16,6 mil aos banqueiros, numa conta que está longe de terminar.

As grandes empresas vão querer que os trabalhadores aceitem reduzir seus salários em patamares semelhantes à de outros países, onde se ganha menos. Vão tentar que os operários norte-americanos das montadoras, que ganham até 32 dólares por hora, aceitem ganhar nove dólares, como os brasileiros. Vão querer que os brasileiros aceitem ganhar como os chineses, três dólares por hora, sem direito a aposentadoria.

As grandes cidades vão enfrentar desemprego em massa e a criminalidade vai explodir. Vamos assistir momentos de barbárie, como conseqüência social da crise econômica.

Junto a esse ataque brutal aos trabalhadores, já começa a existir também uma guerra entre os próprios setores da burguesia. Por exemplo, nem todos os bancos norte-americanos estão falidos. Alguns estão se fortalecendo. As grandes somas de dinheiro repassadas pelos governos estão servindo não só para salvar muitos bancos, mas para ajudar alguns deles a assumir o controle de outros. O mesmo ocorre com grandes empresas industriais e comerciais.

O JP Morgan Chase e o Bank of America, por exemplo, estão se fortalecendo enormemente nos EUA. Vamos ver a falência de grandes empresas, engolidas por outras.

Se depender somente da evolução do capitalismo, o capital financeiro, mesmo sendo o epicentro da crise, vai se centralizar ainda mais e poderá sair fortalecido da crise.

DEPRESSÃO OU CRISE CRÔNICA

As perspectivas da crise só podem ser traçadas como hipóteses. Existem muitas variáveis em jogo, tanto econômicas como políticas.

Mas a tendência em termos econômicos aponta para duas possibilidades mais prováveis: a de caminhar para uma depressão, igual ou ainda pior que 1929, ou a uma recessão, que seria seguida por uma recuperação mais frágil e uma nova crise mais profunda. Ou seja, esta última seria uma evolução semelhante ao prognóstico de Trotsky para a economia capitalista após a Primeira Guerra Mundial. Uma evolução que não deixa de ter recuperações e crises, mas a partir de uma lógica de decadência da economia mundial conduzindo a uma crise crônica.

Contradições do imperialismo para enfrentar a crise

COM A GLOBALIZAÇÃO, o imperialismo acumulou contradições estruturais

1 Internacionalização da produção x propriedade privada

A globalização aprofundou a internacionalização da produção. Hoje essa internacionalização se choca cada vez mais com a propriedade privada dos meios de produção.

A abertura das fronteiras econômicas levou as multinacionais a desfrutarem de uma liberdade nunca vista para a movimentação do capital. As montadoras de automóveis podem fabricar motores em um país, o câmbio em outro, e montar o carro num terceiro país, onde centraliza a produção e a venda de uma região.

O imperialismo derrubou as barreiras alfandegárias nos países dominados, para ocupar diretamente seus mercados. Impôs os tratados de livre comércio, arrasou empresas menores e aumentou a centralização do capital.

O choque dessa internacionalização com a propriedade privada se demonstrou ainda no auge do crescimento. As empresas "multinacionais" seguiram sendo propriedade privada de burgueses que têm nacionalidade e se apóiam em seus Estados nacionais para garantir seu domínio. E as burguesias com menor produtividade dos países imperialistas (como setores do campo e produtores de aço) são defendidas por seus Estados contra a concorrência de empresas (muitas vezes também multinacionais) instaladas em países semi-coloniais. Essa é uma das contradições atuais que mantém emperradas as negociações do livre-comércio da rodada de Doha.

Quando a crise explode, se torna imperioso tomar medidas internacionais de controle. Mas cada país imperialista vai buscar defender seus próprios interesses. Até agora, a coordenação se limitou a salvar os grandes bancos. A crise vai se aprofundar quando medidas protecionistas forem tomadas pelos Estados para defesa de suas empresas industriais e comerciais. Algo já esboçado por Obama para proteger a indústria automobilística norte-americana.

2 A disputa entre Estados imperialistas

A passagem da hegemonia do imperialismo inglês para o norte-americano custou ao mundo duas guerras mundiais. Os EUA saíram da Segunda Guerra como senhores absolutos e moldaram os acordos de Bretton Woods, que legitimaram o dólar como moeda e reserva de valor internacional.

Hoje a hegemonia norte-americana está questionada, assim como o dólar. Os EUA continuaram nos últimos 30 anos bancando sua superioridade de forma cada vez mais artificial, deixando de ser o maior credor para se tornar o maior devedor de todo o mundo. Têm déficits comerciais e fiscais brutais, que se sustentam com uma injeção de quase três bilhões de dólares por dia do resto do mundo. Os EUA funcionam como uma gigantesca aspiradora da mais-valia mundial, numa relação cada vez mais parasitária apoiada na sua força militar e financeira.

A explosão da crise atual agrava essas contradições. A manutenção do dólar como moeda internacional, cada vez mais questionada, não é uma simples relação monetária, mas a expressão de uma dominação, da relação entre os Estados imperialistas.

A decadência dos EUA não está sendo acompanhada do surgimento de uma alternativa imperialista. Uma nova guerra interimperialista pelo controle do mundo neste momento não está colocada, pela enorme superioridade dos EUA. A perspectiva que se abre, portanto é de continuidade da crise, sem solução imediata.

UMA NOVA SITUAÇÃO INTERNACIONAL ESTÁ SE ABRINDO

Estamos entrando em uma nova situação política internacional, que levará a mudanças bruscas e convulsivas em muitos países. As crises econômicas nem sempre geram ascensos revolucionários. Por vezes, pelo temor do desemprego, fazem com que as mobilizações sejam reduzidas.

Acontecem com muita freqüência crises políticas dos governos e dos regimes. Caso essas crises se combinem com grandes lutas dos trabalhadores, podem se abrir situações e crises revolucionárias.

Nesse momento, a recessão já se abriu nos países imperialistas. A primeira grande expressão produzida pela crise é a eleição de Obama nos EUA (veja página 4). Uma medida preventiva da burguesia para controlar o barril de pólvora em que está se transformando a principal potência.

Também há manifestações importantes. A greve radicalizada dos operários da Nissan, na Espanha, e a ocupação de uma fábrica de janelas e portas em Chicago, nos EUA, são exemplos a seguir. A generalização das lutas pode provocar mudanças importantes na situação de seus países. Mas para isso, terão que se enfrentar com as burocracias sindicais dominantes. Basta ver o papel vergonhoso dos dirigentes dos sindicatos automobilísticos, que acompanharam seus gerentes para pedir dinheiro e oferecer perda de direitos no Congresso dos EUA.

Nas últimas crises, em geral os grandes ascensos ocorreram nos países semi-coloniais. Essa realidade pode mudar no próximo período.

A China, um dos grandes símbolos da "globalização", pode sofrer uma grande convulsão. A redução brusca no crescimento (deve baixar de 12% para 5% no último trimestre), acompanhado das tensões determinadas pela existência de uma ditadura, podem mesmo provocar uma explosão social nesse país.

Na América Latina, os governos de frente popular (como Lula, Tabaré Vasquez e Evo Morales) e nacionalistas burgueses (como Chávez), se aproveitaram do crescimento econômico. Agora terão que amargar a gestão de uma crise muito profunda, com o desgaste que isso pode significar.

A última crise econômica levou às insurreições e levantes no Equador (2000), Argentina (2001) e Bolívia (2003) que derrubaram governos. Mas a atual é muito mais profunda e pode ter desdobramentos convulsivos.

Assistiremos não só a crise dos governos, mas dos regimes. A democracia burguesa foi a base principal para a implantação dos planos neoliberais, mas agora vai encarar sua maior crise.

A tendência à polarização política entre revolução e contra-revolução, que já vemos na Bolívia, pode se estender ao resto do continente. Pode-se abrir espaço para revoluções vitoriosas, bem como para golpes militares.

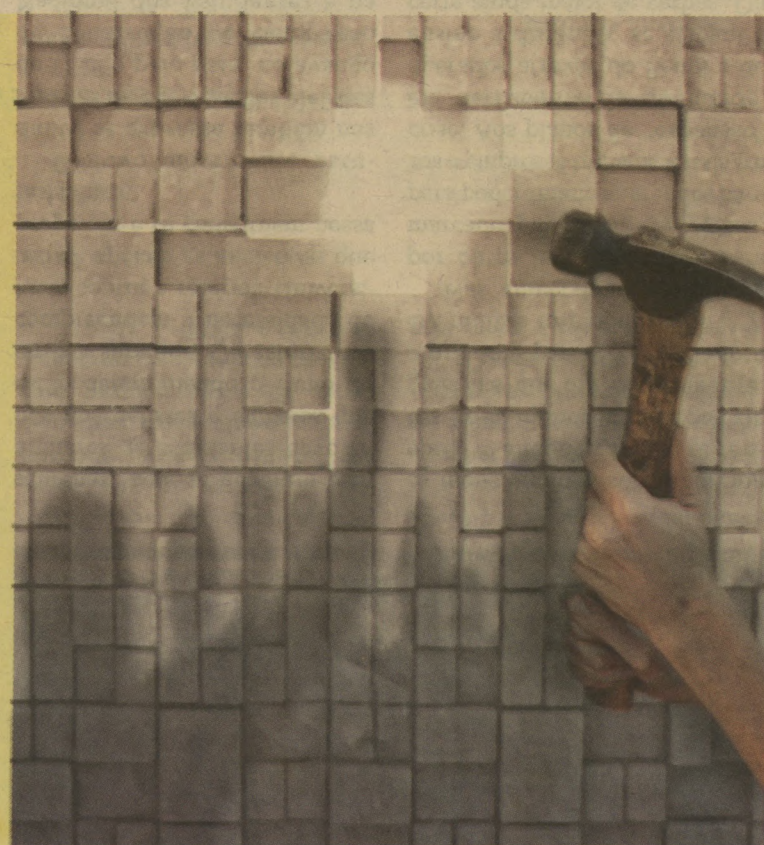
A necessidade de uma terceira alternativa, independente dos trabalhadores, perante a polarização entre os blocos burgueses do reformismo e da direita será cada vez mais dramática.

A RETOMADA DA ESTRATÉGIA SOCIALISTA

A restauração do capitalismo nos antigos Estados operários permitiu que um terço da humanidade fosse incorporado à exploração direta do capital. É inegável que isso permitiu um fôlego a mais para o auge do neoliberalismo. Países como a China e a Rússia passaram a ser modelos de como o capitalismo podia "modernizá-los".

O auge do neoliberalismo coincidiu assim com a restauração do capitalismo. A queda do aparato estalinista, que foi a grande trava para a revolução no século 20 - fato imensamente progressivo - foi obscurecida pela restauração do capitalismo, que deu bases materiais para a campanha sobre o "fim do socialismo".

Mas a história pode estar dando uma reviravolta. Em primeiro lugar, o capitalismo vai enfrentar uma grave crise política internacional sem ter a seu lado o aparato stalinista. Estarão em ação outros partidos reformistas, como o PT e a social-democracia, o nacionalismo burguês chavista e os partidos stalinistas que restam. Mas o papel inestimável do aparelho mundial do stalinismo para a burguesia já não existirá.

Por outro lado, o debate ideológico capitalismo x socialismo começa a ser retomado. A "superioridade do capitalismo" está vindo abaixo com a crise. É possível que se recoloque para amplas camadas de vanguarda a perspectiva socialista. A necessidade de um partido socialista revolucionário se faz ainda mais presente.

BATALHAS QUE ANUNCIAM O QUE ESTÁ POR VIR

O NOVO MOVIMENTO ESTUDANTIL surgido a partir da onda de ocupações de reitorias em 2007 está mais vivo do que nunca. A tarefa agora é preparar as lutas que se virão com a crise econômica

LEANDRO SOTO, da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU

Muitas expectativas cercavam o movimento estudantil em 2008. Após a poderosa onda de lutas e ocupações de reitoria em 2007, não eram poucos os que se perguntavam qual seria o cenário e o ânimo de mobilizações dos estudantes. Mal o ano começava e os alunos da UnB já respodiam a esta pergunta, calando os céticos que diziam que as ocupações de reitoria em 2007 haviam sido uma exceção à regra.

Após os escândalos de corrupção envolvendo o reitor Timothy Mulholand virem à tona, os estudantes da UnB protagonizaram uma das mais poderosas ocupações de reitoria do último período e conseguiram importantes vitórias: a queda do reitor e de toda a sua corja, novas eleições para reitor e paridade nas eleições. Como se não bastasse, o novo movimento estudantil surgido em 2007 seguiu dando demonstrações de que estava vivo e atuante. Após a ocupação da reitoria da UnB, novas reitorias foram ocupadas. UFMG, UEPA, UFAM, entre outras, demonstraram que a mobilização iniciada com a ocupação da USP estava apenas começando.

No calor destas mobilizações, novas iniciativas eram preparadas para avançar na luta contra a reforma universitária do governo Lula e do FMI. Assim, dezenas de DCEs, Executivas e Centros Acadêmicos por todo o Brasil participaram da organização do Plebiscito Nacional sobre o Reuni. O plebiscito conseguiu recolher mais de 30 mil votos contra o Reuni, além de levantar o debate sobre a democracia nas universidades e as Fundações Estatais de Direito Privado.

Infelizmente, nem todos os setores da Frente de Luta se engajaram na construção do Plebiscito. A negativa em organizar o Plebiscito foi a primeira de uma série de posturas do PSOL que começaram a dinamitar e imobilizar a Frente de Luta diante das batalhas que estavam colocadas.

Essa política de desmonte da Frente de Luta se generalizaria rapidamente através do boicote de setores do PSOL à reunião nacional na USP, pelo desmonte de comitês de base e chapas da Frente de Luta e com a negativa em construir um Encontro Nacional de Estudantes através da Frente.

Apesar disso, o novo movimento estudantil seguiu adiante, protagonizando novas mobilizações e atividades. Em julho, se realizou o Encontro Nacional de Estudantes (ENE) com a presença de mais de 800 estudantes de dezenas de universidades. O encontro definiu um plano de lutas para o segundo semestre e lançou o debate sobre a necessidade de construir um Congresso Nacional de Estudantes.

O segundo semestre já começou quente com a ocupação da reitoria da UFMS e pouco depois a greve com ocupação de reitoria da UERJ. Novos processos de luta se desenvolveram como a ocupação da pró-reitoria de assistência estudantil da UFOP, ocupação da reitoria da UFSJ, greve dos estudantes do campus de Divinópolis (MG) da UFSJ, acampamento da reitoria dos estudantes da Unifesp, greve dos estudantes da UNIR, entre outras mobilizações.

O NOVO MOVIMENTO estudantil se expressa nas vitórias nas eleições de DCE's pelo país e no avanço da construção do Congresso Nacional dos Estudantes

Alunos da UNB ocupam reitoria

O NOVO MOVIMENTO ESTUDANTIL OCUPA O SEU ESPAÇO

Estas mobilizações demonstram que há uma nova correlação de forças entre o movimento estudantil e os governos neoliberais. Se antes os governos implementavam seus ataques e sua reforma universitária encontrando a resistência de algumas centenas, hoje se deparam com milhares de estudantes envolvidos nos debates e embates que estão determinando o rumo do ensino superior. Os estudantes compreendem a necessidade de lutar contra a reforma Universitária e apóiam as iniciativas que preparam e se constituem nessa resistência.

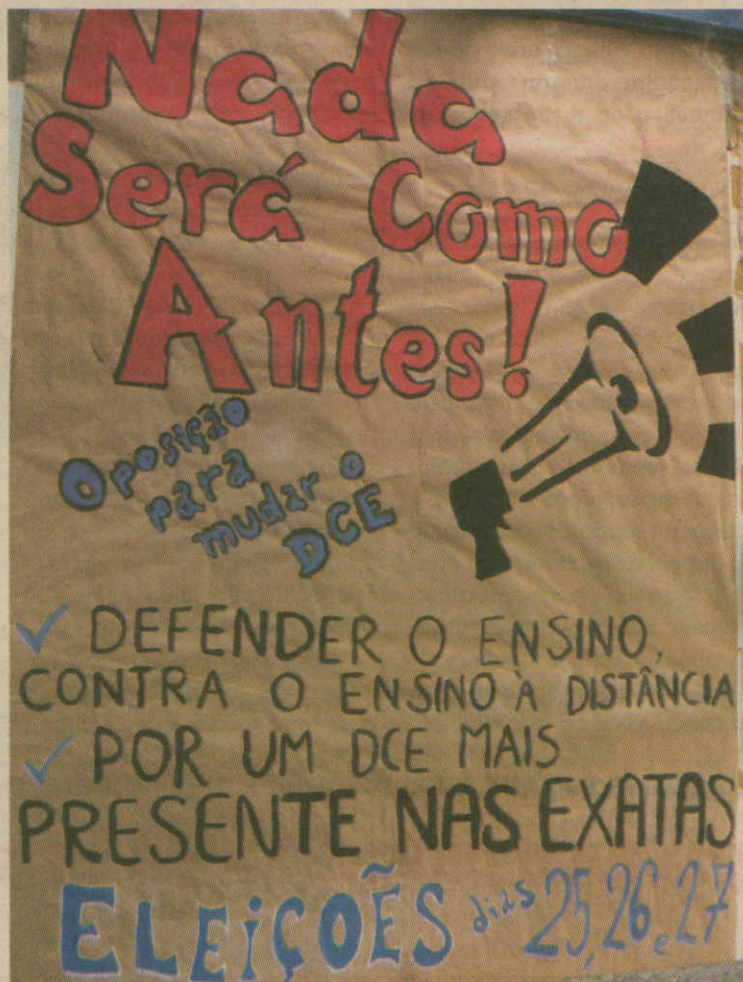
O novo movimento estudantil se expressa também nas vitórias categóricas nas eleições de DCE's pelo país, no avanço da construção do Congresso Nacional dos Estudantes e na drástica diminuição de influência das correntes governistas dentro da universidade. Na USP, UFRJ, UFMG, UERJ, UFG, UFAL, UEPA e tantas outras, os estudantes elegeram para a diretoria de seus DCE's os lutadores comprometidos com a construção de um novo movimento estudantil. Por outro lado, por todo o país as forças governistas viram sua influência diminuir, sendo varridos das principais universidades públicas do país.

A CRISE ECONÔMICA E AS NOVAS MOBILIZAÇÕES

O final do ano já começa a desenhar o cenário para 2009. As universidades pagas começam a entrar em ebulição diante do aumento das mensalidades. Esp, Unisantos, Cásper Líbero, UniTau e Ulbra vivem importantes processos de mobilização contra o aumento das mensalidades. Com a crise econômica, as mensalidades subirão ainda mais e encontrarão estudantes com menos condições de pagá-las em dia. Certamente, o próximo período será de luta em muitas universidades.

Nas universidades públicas, por outro lado, o cenário será marcado pelo corte de verbas, para poder financiar grandes bancos e empresas transnacionais em crise. Aos planos de "expansão" em detrimento da qualidade, operados através do Reuni e do ensino à distância, se somará o corte ainda maior de verbas. Ou seja, nas públicas também sofreremos duros ataques.

O avanço na consciência dos estudantes a partir da experiência das mobilizações de 2007 e 2008, entretanto, será terreno fértil para o crescimento de poderosas mobilizações que irão se opor a estes ataques. As batalhas que travamos hoje anunciam a tempestade que está por vir. Certamente, 2009 será um ano de batalhas ainda mais intensas.

Desde já estaremos nos preparando, através da construção do Congresso Nacional dos Estudantes e da criação de um instrumento de luta alternativo a UNE. Esses são os passos necessários para preparar e temperar os lutadores do movimento para o embate que está por vir. E a partir daí envolver milhares de estudantes nesta batalha de norte a sul do país. Que venha 2009!

SETORES OPRIMIDOS SOFRERÃO MAIS COM A CRISE

NEGROS, MULHERES E HOMOSSEXUAIS serão os mais atingidos pelo desemprego, queda de renda e corte nos programas do governo

DA REDAÇÃO

Lula e seus ministros mais próximos tratam o primeiro semestre de 2009 como os "seis meses terríveis". De fato, o ano deve começar com "ajustes" nas empresas, com mais demissões. Os salários também perderão poder de compra. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), os efeitos da crise sobre os salários serão "dolorosos", particularmente entre "os mais pobres".

A OIT aponta relaciona os grupos mais vulneráveis da sociedade, particularmente mulheres, negros, jovens, terceira idade e menos escolarizados. Se antes da crise, o preconceito já podia ser sentido nas diferenças salariais – mulheres recebem apenas 66,1% do que os homens – agora essa diferença tende a se acentuar. No caso da mulher negra, a diferença é ainda maior.

Os setores oprimidos serão ainda mais atingidos pela crise. E, além das demissões, sofrerão com os cortes nas políticas públicas. Para liberar crédito, o governo já corta no Orçamento. Apesar de divulgar que combate a violência contra a mulher, o governo Lula não liberou os recursos que seriam usados para isso em 2009. O orçamento para prevenir e enfrentar a violência, um dos programas da Lei Maria da Penha, foi contingenciado pelo governo. Ou seja, os recursos, apesar de constarem no Orçamento, estão retidos e provavelmente assim permanecerão. Foi o que ocorreu com 44% do orçamento do programa de 2003 a 2007.

O corte contrasta com as ajudas a bancos e montadoras e mostra qual é de fato a política do governo para as mulheres. Muito discurso, poucas verbas. Enquanto isso, nas ruas, sobram casos como o da menina Eloá, vítima da violência machista.

QUE VENHA 2009!

O ano que acaba foi de muita luta e resistência para os setores oprimidos. Em abril, as mulheres da Conlutas realizaram seu I Encontro Nacional, aprovando um novo movimento de mulheres, classista e socialista. O encontro ocorreu um mês após o ato classista de 8 de Março em São Paulo, onde a Conlutas se colocou como alternativa à Marcha Mundial de Mulheres e a outras organizações governistas, reunindo 700 pessoas.

Durante o ano, as mulheres realizaram encontros regionais, como em São Paulo, Rio e Recife, e nas categorias, como na Apeoesp. Nestes encontros, foi debatida a construção do movimento "Mulheres em Luta".

No congresso da Conlutas, em julho, negros e negras lançaram o novo movimento negro, de caráter classista, socialista e de oposição ao governo. O Quilombo, a tenda montada no congresso, foi o palco de debates e atividades culturais. O novo movimento foi às ruas no 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, em capitais como Rio de Janeiro, São Paulo e São Luís.

O movimento GLBT teve um batismo de fogo em 2008, durante a Parada Gay de São Paulo. O carro de som da Conlutas foi impedido de participar da parada, e seus militantes foram agredidos e presos. A repressão ao carro partiu da organização da Parada e motivou uma campanha nacional contra a repressão e a mercantilização das paradas.

No final do ano, a Conlutas esteve a frente de mais um protesto contra o preconceito. Dois homossexuais foram expulsos de uma festa na USP, após se beijarem. A Conlutas e outros movimentos organizaram um "beijaço", com dezenas de casais.

Em 2009, os movimentos seguirão com um perfil oposto ao das organizações governistas. Diante da crise econômica, reafirmarão o classismo e o socialismo, levantando o espírito da revolta de Stonewall, a herança de Zumbi e as operárias da fábrica têxtil Cotton, nos Estados Unidos.

RESENHA

"Sexo contra sexo ou classe contra classe"

EDITORA SUNDERMANN REEDITA livro clássico de Evelyn Reed contra a opressão

MARIUCHA FONTANA,
da Direção Nacional do PSTU

Publicado pela primeira vez no Brasil em 1980, "Sexo contra sexo ou classe contra classe" ganha merecida re-edição. Antropóloga e marxista, a autora mergulha em profundidade na explicação da origem da opressão e derruba um a um os mitos sobre a inferioridade do sexo feminino, demonstrando que as mulheres não podem ser consideradas o "segundo sexo" e que são totalmente falsas as idéias que apresentam a mulher como um ser oprimido desde sempre.

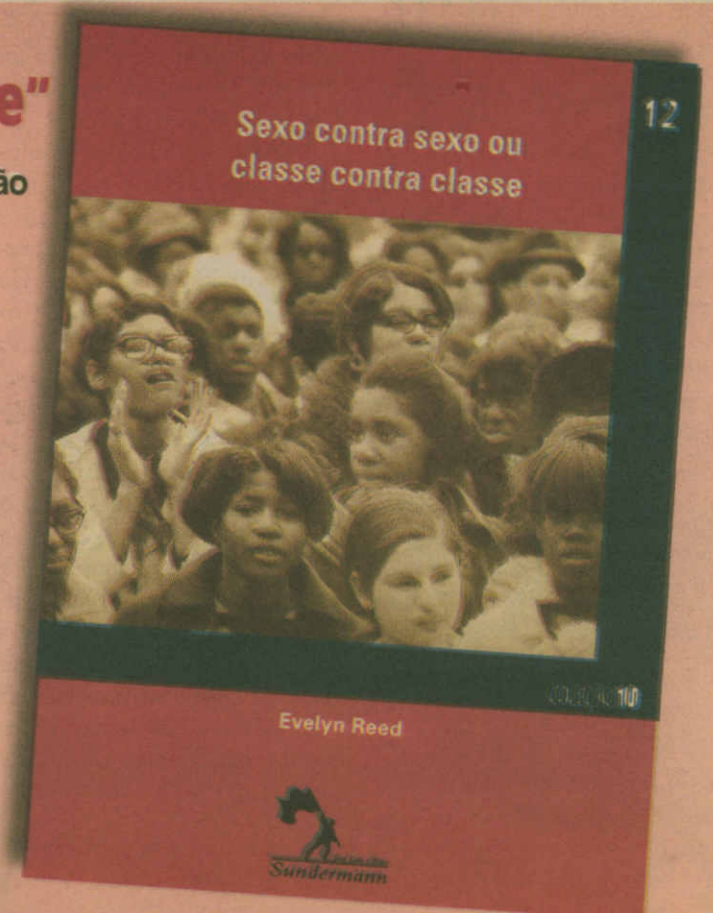
Ela vai buscar as raízes da opressão na pré-história e mostrar que, na maior parte do tempo em que a humanidade existe sobre a terra, as mulheres não apenas não era sexo oprimido, como existiu o matriarcado, onde as mulheres desempenhavam papel preponderante e onde as relações sociais, culturais e sexuais eram igualitárias.

Vai demonstrar que, além da opressão da mulher ter aparecido junto com a monogamia, ela é fruto da sociedade de classes; nasceu com a exploração, a propriedade privada, o Estado, a família, sendo, portanto produto social e histórico e não natural biológico ou divino. Vai demonstrar que é no sistema capitalista que a mulher é mais degradada e oprimida, e que é falsa a idéia de que a mulher estaria realmente se "libertando" nessa sociedade, apesar de todas as reformas conquistadas com muita luta.

Por outro lado, esse livro representa uma enorme lufada de ar fresco na atmosfera poluída pelos "estudos de gênero", impregnados pela reacionária "pós-modernidade" acadêmica, e pelas ideologias burguesas que, propagadas pelas ONGs, têm sufocado a luta de liberação das mulheres, buscando aprisioná-la ao sistema capitalista, ao Estado, ao mercado e aos monopólios e desviá-la do seu caminho realmente libertador, da sua unidade com os homens trabalhadores na luta pelo socialismo.

Especialmente a partir dos anos noventa houve uma dispersão e uma flagrante institucionalização dos movimentos de mulheres. Isso pode ser identificado no crescimento das ONGs "feministas" (Organizações "Não Governamentais"), financiadas por governos, pelo aparelho de Estado, empresas, bancos e, inclusive, organismos internacionais e imperialistas. Tais organizações e suas falsas idéias reduzem a luta contra a opressão a uma luta por "reformas" nos limites da sociedade capitalista, e muitas teorias tentam conduzi-la a uma "guerra de sexos".

Mas, como afirma Evelyn Reed, "quem são os melhores aliados das mulheres no combate por sua liberação? As esposas dos banqueiros, dos generais, dos advogados abastados, dos grandes industriais, ou os trabalhadores negros e brancos que lutam por sua própria liberação?".

Num momento em que vivenciamos mais uma crise capitalista e que as mulheres trabalhadoras, duplamente oprimidas e superexploradas sob o capitalismo, começam a se reorganizar em nosso país, como demonstrou o I Encontro de Mulheres da Conlutas, a publicação deste livro é mais do que oportuna, é uma necessidade.

Sexo contra sexo ou classe contra classe
Evelyn Reed
ISBN:978-85-99156-41-4 | 144 pp.
R$ 10,00

Onde comprar:
www.editorasundermann.com.br
vendas@editorasundermann.com.br

OUTRO CAPITALISMO É POSSÍVEL?

EDIÇÃO DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL em Belém (PA) será marcada por duas estratégias sobre a crise econômica mundial

ANDRÉ FREIRE,
do Rio de Janeiro (RJ)

De 27 de janeiro a 1º de fevereiro de 2009, será realizado em Belém (PA) a nova edição brasileira do Fórum Social Mundial (FSM). O evento será marcado pelas repercussões políticas de uma das maiores crises econômicas da história do capitalismo.

Diante da grave crise econômica mundial, a direção majoritária do Fórum, em especial o jornal "Le Monde Diplomatique" e a ONG Attac, apresenta a proposta de realização de um novo "Bretton Woods" que reformule o capitalismo, tornando o mercado mais regulado pelo Estado e o sistema mais "humano".

Esta proposta representa mais uma utopia reacionária. Afinal, o que estamos vendo são os principais governos dos países imperialistas, em especial os da Europa e o dos Estados Unidos, despejarem trilhões de dólares para ajudar os banqueiros e os grandes capitalistas.

Longe de regular o mercado, o Estado demonstra mais uma vez sua natureza de classe. Oferece ajudas extraordinárias a grande burguesia, enquanto ataca o nível de vida dos trabalhadores e do conjunto dos explorados e oprimidos, com o crescimento do desemprego, a redução de direitos, os cortes nas áreas sociais, a destruição do meio ambiente, o crescimento do racismo e da xenofobia e o arrocho salarial.

Contra a estratégia reformista da direção do Fórum, a Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI) e o **PSTU** propõem uma estratégia política oposta, com debates sobre a luta contra a crise e a afirmação de uma saída socialista.

Com a crise, o socialismo ganha ainda mais atualidade. Para discutir a necessidade de unir os socialistas revolucionários em uma mesma organização internacional que defenda um programa revolucionário e a revolução socialista, a LIT-QI e o PSTU vão promover um seminário no Fórum. Nele, estará em debate a necessidade da reconstrução da IV Internacional.

Além das atividades promovidas pelo PSTU, a militância do partido estará presente para ajudar a convocar importantes atividades promovidas pela Conlutas e pelo Encontro Latino-Americano e Caribenho dos Trabalhadores (Elac).

A Conlutas, que terá a reunião de sua coordenação nacional durante o Fórum, vai promover um grande seminário para discutir os efeitos da crise econômica internacional sobre a classe trabalhadora brasileira. Além disso, debaterá o processo de reorganização política em que vivem os movimentos sociais em nosso país. A realização deste evento está sendo discutida com setores da Intersindical, no sentido de buscar sua unificação, para tentarmos dar uma resposta unificada frente à crise, definindo um plano de ação já para o primeiro semestre de 2009.

Os grupos de trabalho (GT) da Conlutas que combatem a opressão também farão debates no Fórum. Um dos destaques deve ser o debate promovido pelo GT de Negros e Negras, que analisará a eleição de Barack Obama e a simpatia que o principal representante do imperialismo desperta em muitos ativistas.

Já o Elac vai realizar sua segunda reunião internacional durante o Fórum. Também promoverá um seminário sobre a crise econômica internacional e a atualidade da luta contra o imperialismo, especialmente na América Latina e no Caribe.

Outro tema que chamará a atenção dos participantes serão os debates sobre ecologia. Para discutir o programa dos socialistas revolucionários para combater a destruição do meio ambiente pelo capitalismo, o PSTU e a revista Marxismo Vivo vão promover um seminário que buscará avançar em um programa socialista para enfrentar o desafio de defender a natureza da barbárie capitalista.

Marcha de abertura do Fórum 2002

Atividades no Fórum

Terça, 27/1

Tarde

- Marcha de abertura do Fórum Social Mundial

Quarta, 28/1

Manhã

- Seminário "A luta contra o Racismo", promovido pelo GT de Negros e Negras da Conlutas. Entre outros temas, será debatido o impacto da eleição de Barack Obama sobre o movimento negro

Tarde

- Reunião da Coordenação Nacional da Conlutas. A reunião vai discutir um plano de ação contra os efeitos da crise econômica no Brasil e sobre os trabalhadores

Quinta, 29/1

Manhã

- Seminário sobre a crise econômica e a reconstrução da IV Internacional, promovida pela LIT-QI e pelo PSTU (Revista Marxismo Vivo)

Tarde

- Seminário sobre a crise econômica internacional e a atualidade da luta contra o imperialismo, convocado pelo Elac

Sexta, 30/1

Manhã

- Seminário sobre Crise Econômica Internacional, suas conseqüências sobre os trabalhadores e a reorganização dos movimentos sociais (Esta atividade está inscrita pela Conlutas, mas está em discussão a sua promoção conjunta com a Intersindical)

Tarde

- Seminário sobre a Criminalização dos Movimentos Sociais, promovido pela Comissão Pastoral da Terra, Conlutas, Intersindical, entre outras entidades. (a confirmar);
- Plenária nacional de organização do Encontro Nacional dos Estudantes (a confirmar)

Sábado, 31/1

Manhã

- Segunda Reunião Internacional do Elac;
- Encontro Nacional dos Movimentos Populares que participam da Conlutas;
- Seminário "A luta contra a homofobia", promovido pelo GT LGBT da Conlutas;
- Seminário "O meio ambiente e a proposta dos socialistas revolucionários", promovida pelo PSTU e revista Marxismo Vivo

Tarde

- Seminário "A luta contra a opressão da mulher", promovido pelo GT de Mulheres da Conlutas;
- Seminário "A luta contra a ocupação militar do Haiti", atividade da Conlutas e do Jubileu Sul, entre outras entidades, com a presença de Didier Dominique, do Haiti

Domingo, 1/2

- Encerramento oficial do FSM

QUAIS OS DESAFIOS DA CONLUTAS EM 2009?

O AVANÇO DA CRISE ECONÔMICA e onda de demissões reforçam o chamado da Conlutas à unidade

DIEGO CRUZ, da redação

"Existem 'n' mecanismos pra inibir o desemprego. Você pode ter licença remunerada, férias coletivas, banco de horas". Não se trata dos planos de um executivo de uma multinacional para enfrentar a crise. Por incrível que pareça, tal declaração saiu da boca do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Sérgio Nobre, em entrevista à rede Globo no dia 5 de dezembro.

Tal declaração mostra de forma dramática o papel que cumpre a atual direção do movimento de massas no país. A crise econômica já desembarcou no país e encontra hoje duas alternativas políticas de direção para os trabalhadores. A da CUT e demais centrais, como a Força Sindical e CTB, que defende a ajuda do governo aos bancos e empresas, chegando ao extremo de elencar o banco de horas como alternativa às demissões e, de outro lado, da Conlutas.

A Coordenação Nacional de Lutas impulsiona hoje uma campanha em que condena a ajuda bilionária do governo a banqueiros e empresários e exige a estabilidade no emprego. Para enfrentar as demissões, a Conlutas defende a redução da jornada de trabalho, sem redução de salários ou direitos e a estatização das empresas que demitirem.

UM ANO DE LUTAS

A Conlutas vem se firmando como referência no dia-a-dia das lutas. 2008 foi exemplo disso. O ano que se encerra começou com uma grande luta dos metalúrgicos de São José dos Campos (SP) contra o banco de horas. A conjuntura ainda era outra e a produção aumentava, seguindo o crescimento da economia.

Nesse contexto, a GM quis impor um conjunto de ataques aos trabalhadores da planta na cidade, em troca da contratação de 600 novos funcionários. Entre as medidas destacava-se o banco de horas, imposto em todas as outras plantas da fábrica no país. Seguiram-se meses de uma intensa campanha realizada pela empresa, tanto no interior da fábrica quanto na sociedade, aonde contava com o apoio incondicional da prefeitura, da Câmara de vereadores da imprensa.

Do outro lado, o sindicato e a Conlutas organizaram a resistência. A campanha contou com manifestações nacionais de solidariedade, outdoors e paralisações, que se enfrentaram com a própria CUT. Por fim, os operários conseguiram derrotar o banco de horas e a luta dos metalúrgicos de São José dos Campos repercutiu em todo o país.

O primeiro semestre, contudo, não foi marcado apenas pela pressão pelo aumento da jornada e do ritmo de trabalho. A crise econômica já dava os seus primeiros sinais por aqui. Os preços dos alimentos sofreram um brutal aumento, atingindo principalmente os setores mais empobrecidos da classe. Tal situação provocou a mobilização de categorias como os operários da construção civil, cujos salários contrastavam com o crescimento dos lucros das grandes empreiteiras.

Os trabalhadores da construção se mobilizaram em fortes campanhas salariais em várias partes do país. Na mesma São José dos Campos, os operários da construção civil da refinaria Revap, da Petrobras, tiveram que passar por cima do próprio sindicato, ligado à CUT, para ir à greve por melhores salários e condições de trabalho. Com o apoio da Conlutas, os trabalhadores realizaram uma forte greve que agitou toda a região.

A greve dos operários em Fortaleza (CE), liderada pelo sindicato filiado à Conlutas, provocou comoção pelo grau de radicalidade. Entre as principais reivindicações, o reajuste do salário corroído pela inflação e o fim do trabalho aos sábados, medidas das empreiteiras para aumentar a jornada diante do aquecimento do setor.

O I CONGRESSO DA CONLUTAS

Em meio a esse processo de lutas, ocorre o I Congresso da Conlutas, em julho. Fruto da reorganização do movimento sindical e popular, o congresso reúne 2.805 delegados de todo o país na cidade mineira de Betim. No plenário que tomou conta do ginásio Divino Brava, representantes de 175 sindicatos de um total de 500 entidades, entre organizações estudantis e de movimentos sociais e populares.

Uma das principais deliberações do congresso é um chamado à Intersindical pela unificação das duas entidades numa só alternativa de luta dos trabalhadores, em contraposição à CUT e Força Sindical. Ao mesmo tempo, a Conlutas reafirma-se como pólo mais avançado do processo de reorganização, ainda que seu caráter permaneça aberto e a entidade em pleno processo de construção.

PROGRAMA CONTRA A CRISE

A General Motors é um exemplo da dinâmica vivida pelos trabalhadores nesse ano. Se 2008 começou com a luta dos metalúrgicos da GM contra o banco de horas e a flexibilização de direitos, ele se encerra com a mesma GM em crise, colocando milhares de operários em férias coletivas e a perspectiva de uma onda de demissões, como a que já começou na Vale.

A CUT, enquanto isso, defende subsídio do governo às montadoras e grandes empresas. Ou até mesmo o banco de horas, como faz o atual presidente dos Metalúrgicosdo Sindicato do ABC.

Já a Conlutas termina o ano impulsionando uma campanha contra as demissões e pela estabilidade no emprego, e um programa que inclui a exigência ao governo que estatize as empresas que demitirem. Ao mesmo tempo, faz um chamado à unidade nessa luta, tanto à Intersindical quanto a setores como o MST, CUT, CTB e Força Sindical.

São José dos Campos: É DADA LARGADA PARA A ELEIÇÃO DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS

Ocorreu no dia 3 de novembro o primeiro passo para as eleições da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de José dos Campos e região. Uma representativa assembléia elegeu a comissão eleitoral que vai dirigir o processo. Pelo estatuto da entidade, as eleições devem ocorrer entre os dias 22 de fevereiro e 22 de março.

Longe de ser uma medida burocrática, a eleição da comissão eleitoral é importantíssima, pois será ela quem ficará responsável por garantir a democracia nas eleições. Por isso, a Conlutas lançou uma chapa, a fim de seguir a tradição da entidade e garantir que, ao contrário do que ocorre hoje na CUT, continue sendo respeitada a democracia operária.

A CUT e Força Sindical também lançaram chapas, mas uniram forças a fim de derrotar a Conlutas. A chapa da Coordenação Nacional de Lutas, no entanto, saiu vitoriosa com uma larga margem. Foram 433 votos contra apenas 66. A união entre CUT e Força Sindical é inédita na região, já que as duas centrais são adversárias na disputa do aparato sindical, e mostra o que pode ser uma tendência para a formação das chapas.

MANTER UM SINDICATO DE LUTA

Percebendo o peso que o sindicato tem na construção da Conlutas, a CUT já mobilizou seu forte aparato eleitoral para a cidade. Não faltarão recursos e cabos eleitorais para colocar a entidade na sombra do governo Lula.

A ampla vitória da chapa da Conlutas na assembléia mostra, porém, o reconhecimento da base da categoria. O avanço da crise econômica e a onda de demissões colocam, mais do que nunca, a necessidade de um sindicato forte, combativo e próximo à base da categoria.

Produção industrial cai e demissões já começam

VALE DEMITE 1.300. **Só em autopeças, devem ser mais de 8 mil demitidos nesse final de ano**

Presidente da Vale, Roger Agnelli

***DIEGO CRUZ**, da redação*

A crise já afeta o ritmo de produção no Brasil e os empregos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a produção industrial teve queda de 1,7% entre setembro e outubro. Tal queda supera as piores expectativas para o período. A pesquisa foi divulgada no dia 2 de dezembro e mostra que a crise afeta o ritmo de produção de praticamente todas as áreas da indústria.

A produção de bens de consumo duráveis, como automóveis e eletrodomésticos, teve forte queda de 4,7% após dois meses seguidos de crescimento. Já a de bens não-duráveis, como bebidas e alimentos, caiu 2,2%. O setor de bens de capital, como máquinas e equipamentos, teve retração de 0,5%.

DEMISSÕES

A produção de bens duráveis, por exemplo, caiu 1,5% em relação a outubro do ano passado. Tal resultado reflete a retração na indústria automobilística, cuja produção caiu 3,4%. Reflexo das férias coletivas nas grandes montadoras, que hoje afeta 41% de toda a categoria, ou 47 mil metalúrgicos. Como a pesquisa se refere ainda ao mês de outubro, quando as férias coletivas ainda começavam a ser estabelecidas, a queda da produção deverá ser ainda maior.

Se nas grandes montadoras vigoram as férias coletivas e as demissões ainda são pontuais ou um temor concreto dos metalúrgicos, na área de autopeças elas já começaram. Com a paralisação da produção de veículos, o setor já demite. Segundo levantamento realizado pelo Sindipeças, sindicato patronal do setor, cerca de 8,2 mil metalúrgicos devem ser demitidos até esse final de ano. A sondagem foi realizada em 95 empresas, que representam 41% do faturamento de auto-peças.

A crise no setor de mineração também já produz demissões. A Vale acaba de anunciar a demissão de 1300 empregados em todo o mundo. Outros 5.500 terão férias coletivas. A unidade de Minas Gerais deve ser a mais atingida. No Rio de Janeiro, a Vale Sul, produtora de alumínio pertencente ao grupo Vale, já havia demitido mil funcionários.

A marola de Lula vai ganhando força e pode se transformar num verdadeiro tsunami. A empresa de consultoria LCA reviu as previsões do PIB para o próximo período e, se antes era esperado um cenário de estagnação, agora se vislumbra a possibilidade do início de uma recessão já no último trimestre de 2008, quando se prevê retração de 0,5%. É bem provável que janeiro de 2009 seja marcado por uma leva de novas demissões.

CONLUTAS DEFINE PROGRAMA CONTRA CRISE E DEMISSÕES

2009 DEVE COMEÇAR com luta pela estabilidade no emprego

A crise já é uma realidade que afeta milhares de trabalhadores. Centrais como CUT e Força Sindical fazem uma campanha em defesa dos subsídios do governo Lula a bancos e empresas. A Conlutas, ao contrário, discutiu a crise em sua mais recente reunião nacional, entre 11 e 13 de novembro em Brasília, e definiu um programa para enfrentá-la a partir da perspectiva dos trabalhadores.

Entre os principais pontos do programa da Conlutas para a crise está a exigência de que o governo Lula decrete a estabilidade nos empregos e estatize as empresas que insistirem em demitir. A reunião da Coordenação Nacional aprovou ainda um manifesto convocando uma luta conjunta entre todos os setores. Além da Intersindical, o chamado se estende à UNE, MST, CUT e Força Sindical, para que rompam com governo e garantam uma unidade na luta contra as demissões.

O manifesto condena os bilhões destinados pelo governo Lula aos bancos e empresas. Defende ainda a redução da jornada de trabalho sem redução dos salários e direitos. Ou seja, é um verdadeiro programa dos trabalhadores contra a crise, afirmando que *"os ricos devem pagar pela crise"*, apontando outra perspectiva, uma perspectiva socialista.

"Os patrões e o governo Lula tomam medidas para que sejamos nós, os trabalhadores, a pagarmos o preço desta crise. Nós apresentamos outra saída, uma saída dos trabalhadores, para que sejam os ricos, os grandes capitalistas os que arquem com as conseqüências de sua ganância. Uma saída que defenda os interesses dos trabalhadores contra os patrões e que defenda também os interesses do nosso país frente ao imperialismo. Que evite o aprofundamento da exploração e da barbárie, e que seja parte da defesa de uma nova sociedade, socialista.", afirma o manifesto, que também serviu como carta aberta aos trabalhadores, suas organizações e a juventude.

NAS FÁBRICAS

A campanha já está nas ruas. Um jornal especial sobre a crise está sendo amplamente divulgado entre os metalúrgicos da GM, ponta de lança da crise na indústria automobilística e que já colocou mais de 8 mil trabalhadores em férias coletivas. O jornal denuncia os R$ 4 bilhões dados pelo governo Lula às montadoras, enquanto os trabalhadores amargam a indiferença e o medo de perder seus empregos.

O próprio presidente da montadora no país, Jaime Ardila, reconhece que 2008 será o melhor ano da empresa, apesar da crise. *"Será o melhor da nossa história. Vamos aumentar a receita e a produção de 15% a 20%"*, chegou a afirmar em entrevista à Folha de S. Paulo. Apesar disso e dos recursos do governo, a montadora ameaça demitir.

Além da denúncia das demissões e a exigência para que seja mantida a estabilidade, a Conlutas defende a redução da jornada de trabalho para 36 horas e o fim das remessas de lucro ao exterior. O jornal está sendo distribuído nas fábricas de São José dos Campos, São Caetano do Sul, Mogi das Cruzes e Gravataí.

Jornal dos Metalúrgicos
da Coordenação Nacional de Lutas

FÉRIAS COLETIVAS, REDUÇÃO DA PRODUÇÃO, PDV

NÃO PODEMOS PAGAR PELA CRISE

Passamos o ano todo sob a pressão da GM por produção, para aumentar a competitividade, diminuir custos e sob um ritmo alucinante de trabalho.

Agora, próximo do final do ano, nos deparamos nas quatro fábricas da montadora com uma onda de férias coletivas, diminuição da produção pela metade e PDV (plano de demissão voluntária), gerando um clima de insegurança entre os trabalhadores.

A GM foi uma das primeiras montadoras a iniciar um processo de férias coletivas e, em menos de um mês, anunciou duas paradas.

A primeira foi de 20 de outubro a 2 de novembro, atingindo cerca de 2 mil trabalhadores somente em São José. No mesmo período, também houve férias em São Caetano do Sul e Mogi das Cruzes.

Logo em seguida, no dia 31 de outubro, antes mesmo da volta das primeiras coletivas anunciadas, a GM informou nova parada em São José, São Caetano e Gravataí, entre os meses de novembro e dezembro. Aliás, Gravataí teve produção apenas por dois dias em novembro.

Para reduzir postos de trabalho, no dia 5 de novembro, a montadora também comunicou a abertura de um novo PDV até o dia 28 de novembro, nas fábricas de São José e São Caetano. De 17 a 30 de setembro, a empresa já havia aberto outro PDV.

Essas medidas mostram que a GM já começa a jogar nas costas dos trabalhadores o peso da crise econômica.

Nós sabemos que férias coletivas e PDV, nesses momentos, são prenúncios de futuras demissões. Se depender dos patrões, a classe trabalhadora vai ter de pagar essa conta com o aumento da miséria, desemprego e ataques aos direitos e às condições de trabalho.

Com o aprofundamento da crise, é urgente que seja garantida a estabilidade no emprego.

Nós, trabalhadores, precisamos nos organizar para resistir e lutar, exigindo do governo que crie medidas que impeçam que as empresas continuem jogando a conta da crise sobre quem trabalha.

ESSA CRISE NÃO É NOSSA!

A economia mundial vive uma grave crise. A maior nos últimos 80 anos, que atingiu em cheio até mesmo o maior país capitalista do planeta, os Estados Unidos.

Nos principais países imperialistas, já há sinais de recessão, com redução da atividade industrial, queda no consumo, demissões, férias coletivas, ataques aos direitos, redução nas exportações, etc.

Trilhões de dólares do dinheiro público foram injetados pelos governos em todo o mundo para salvar banqueiros e grandes empresas. Ainda assim, nada adiantou.

A crise é muito profunda, pois tem a ver com o modo de produção do sistema capitalista.

Agora, os patrões e banqueiros, que tiveram lucros recordes no último período e ainda especularam irresponsavelmente com o setor imobiliário dos EUA, como sempre, vão querer jogar a conta da crise nas costas da classe trabalhadora. E vão fazer isso com demissões e redução de direitos. Mas essa crise não é nossa! Que os ricos e poderosos paguem essa conta!

Crise já chegou ao Brasil

Os reflexos já chegaram ao Brasil. Apesar do governo Lula tentar tapar o sol com a peneira e dizer que o país está "blindado", a economia já apresenta sinais de desaceleração.

O setor automotivo, que vinha batendo recordes de produção e vendas nos últimos anos, foi o primeiro a reagir à crise.

Em outubro, o setor já apresentou redução de 11% nas vendas em relação a setembro, por conta da restrição de crédito, e a produção teve uma queda de 1,3% em comparação com setembro. GM, Fiat, Ford, Volks e Scania anunciaram férias coletivas, afetando milhares de trabalhadores, redução da produção e suspensão de investimentos.

APESAR DE PROBLEMAS NOS EUA, NA AMÉRICA LATINA GM TEM LUCRO

Por conta da forte crise nos Estados Unidos, 61% das vendas da GM atualmente são realizadas fora de seu país de origem.

Na América do Norte, de julho a setembro deste ano, houve queda de 18,9% nas vendas e, na Europa, a redução foi de 12,3%, em comparação com o mesmo período de 2007.

Porém, o volume negociado na LAAM, região que reúne América Latina, África e Oriente Médio, teve alta de 3,4%. De janeiro a setembro, o resultado é maior, de 13,1%.

Nessa região, onde o Brasil é um dos principais mercados, somente neste terceiro trimestre, a GM faturou US$ 514 milhões, aumentando em US$ 140 milhões o resultado em relação a 2007.

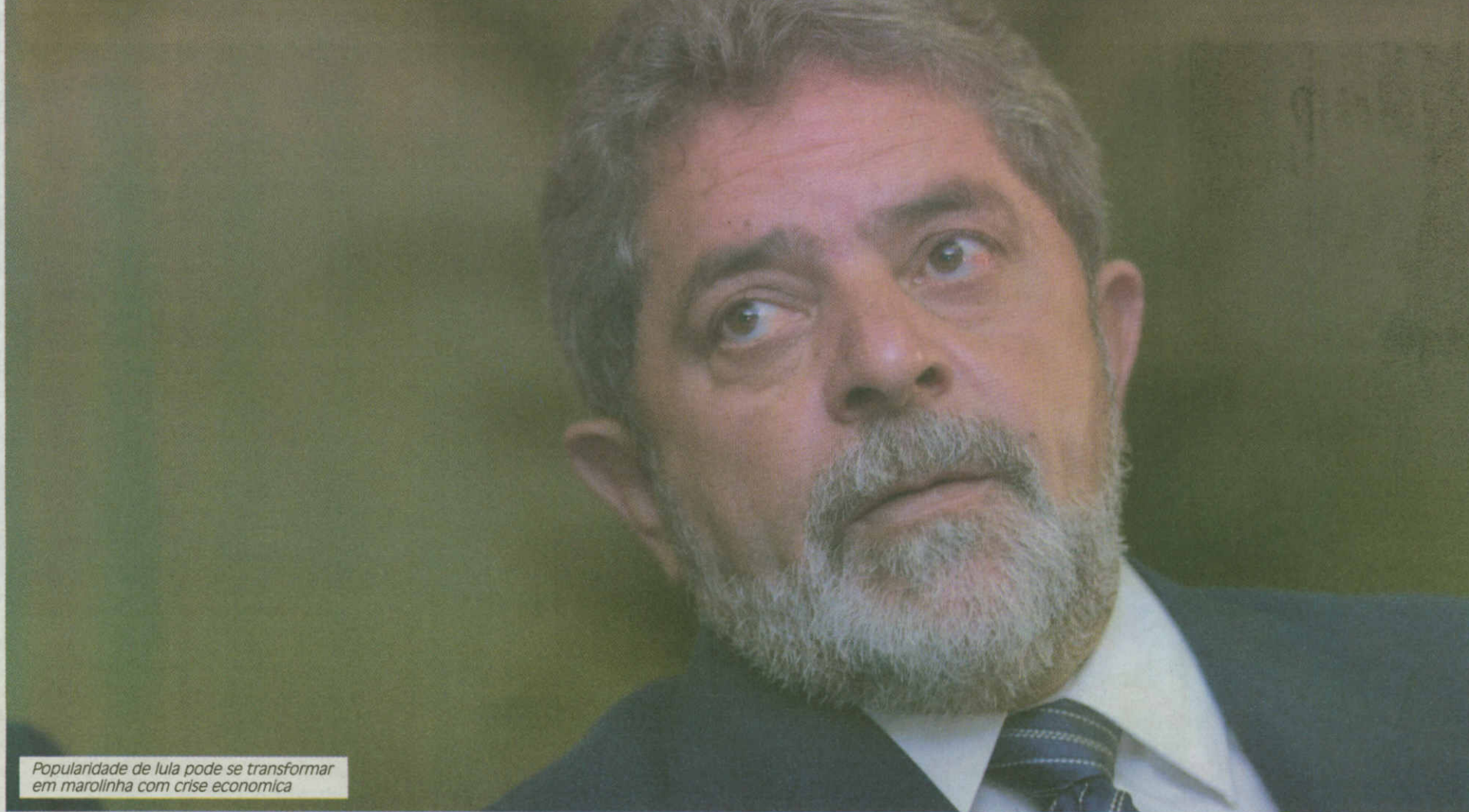
Ou seja, estamos bancando o rombo da matriz norte-americana.

Vale ressaltar que, de 2005 a 2007, o volume de remessas de lucros que as filiais brasileiras das montadoras enviaram para o exterior aumentou de US$ 498 milhões em 2005 para US$ 2,7 bilhões, no ano passado.

Somente de janeiro a abril, o total, de US$ 1,8 bilhão, foi 238,3% superior ao de igual período do ano passado.

O fato é que após anos de lucros recordes e de uma forte reestruturação produtiva, na qual aumentou a exploração, a GM agora quer continuar mantendo seus lucros às custas de mais ataques aos trabalhadores, com demissões e redução de direitos.

Porém, diante de um dos seus mercados mais rentáveis, a GM tem como manter todos os investimentos no país, bem como os direitos dos trabalhadores.

ATÉ ONDE VAI A POPULARIDADE DO GOVERNO LULA?

Popularidade de lula pode se transformar em marolinha com crise economica

CRISE PODE DESMASCARAR verdadeiro caráter do governo do PT

DIEGO CRUZ, da redação

Pesquisa realizada no final de novembro revela que o governo Lula goza de uma taxa recorde de aprovação. Nada menos que 70% consideram seu governo bom ou ótimo. A maior aprovação entre os presidentes eleitos após a ditadura militar. Mas, o que estaria por trás disso?

Apesar de a crise econômica internacional já começar a afetar o Brasil, seus efeitos ainda não foram sentidos pela grande maioria da população. A percepção que os trabalhadores têm da conjuntura ainda reflete o período de crescimento econômico dos últimos anos. E, para os que já começam a sentir a crise, o discurso do governo é que ela é culpa de Bush e que não afetará muito o país. Desta forma, Lula pôde continuar surfando na onda do crescimento, apesar de sua política neoliberal.

O governo, por suas próprias características, como a origem de Lula e o fato de cooptar as organizações do movimento de massas, possui uma identificação com a maioria do povo. No entanto, o crescimento da economia é o que determina seu alto nível de popularidade.

Não é por outra razão que a maior parte dos que aprovam Lula, ou 17%, aponta a economia como o setor em que o governo melhor atua. A verdade, porém, é que o período de crescimento possibilitou o argumento de que a economia estaria "blindada" para a crise internacional, que não passaria de uma "marolinha". Nos últimos meses e especialmente nas últimas semanas, a realidade se abateu de forma dura e o governo foi obrigado a mudar o discurso.

A crise do setor bancário fez secar o crédito. As vendas de veículos despencaram, colocando a indústria automobilística em xeque. Logo, começaram as férias coletivas e as primeiras demissões, principalmente no setor de autopeças. Mais recentemente, a mineradora privatizada Vale, ex-Vale do Rio Doce, anunciou a demissão de 1.300 funcionários. A crise chegou ao país, ainda que não tenha impactado a vida da maioria dos trabalhadores.

A RESPOSTA DO GOVERNO

O governo, por sua vez, não demorou em dar sua resposta à crise. Primeiro, liberou algo como R$ 160 bilhões do compulsório aos bancos. O compulsório é parte dos depósitos que o Banco Central retém dos demais bancos. Liberando esses recursos, o governo afirmava que iria ter mais crédito na praça, tanto para as empresas como aos consumidores.

> **DILMA ROUSSEF** disse que o governo não faria nada para conter as demissões, pois "isso é muito complicado"

O que aconteceu, no entanto, foi que os bancos embolsaram esse dinheiro e lucraram com os juros estratosféricos dos títulos da dívida pública. O crédito continuou escasso e os juros ao consumidor subiram mais ainda. Se os bancos, porém, não dão dinheiro às empresas, o governo garante. Em novembro, o ministro Guido Mantega anunciou um pacote de incentivo econômico no valor de R$ 20 bilhões.

O pacote prevê R$ 4 bilhões do Banco do Brasil às montadoras. Além disso, foi anunciado R$ 5 bilhões do banco às pequenas e médias empresas, além de uma ajuda do BNDES o valor de R$ 10 bilhões às empresas exportadoras. Como se isso não bastasse, o governo atendeu a um pedido dos empresários e prorrogou em um mês o recebimento de impostos, como o PIS e Cofins, medida que, segundo o próprio governo, atrasa a entrada de mais R$ 20 bilhões nos cofres do orçamento.

DEMISSÕES: GOVERNO NADA FAZ

Só para se ter uma comparação, o valor total destinado ao Bolsa Família em 2008 é de aproximadamente R$ 10 bilhões, a metade do que o governo oferece agora aos empresários para minimizar os efeitos da crise. Ou seja, o governo age e rápido para enfrentar a crise econômica. As medidas de Lula, porém, protegem apenas bancos e empresas.

Para os milhares de trabalhadores mandados para casa nas férias coletivas das grandes empresas, reina a incerteza de que voltarão ao trabalho. Ao mesmo tempo em que recebem recursos públicos, as empresas podem demitir como bem entenderem. A ministra da Casa Civil, Dilma Roussef, chegou a afirmar que o governo não faria nada para conter as demissões. *"Não podemos baixar uma medida provisória dizendo 'fique o emprego como está'. Isso é muito complicado"*, disse a ministra, cotada para suceder Lula em 2010. O governo pode, com uma canetada, liberar bilhões a bancos e empresas. Impedir as demissões, porém, *"é muito complicado"*.

A crise, contudo, avança a outros setores. Prevê-se retração na economia logo nos próximos trimestres. Ou seja, a recessão vai chegar ao país muito mais cedo do que se imaginava. A máscara vai cair, revelando os efeitos da política neoliberal adotada pelo governo: desemprego e crise. Lula corre o risco de ver sua popularidade passar como uma "marolinha".

Dilma Roussef